



Origens

2017 | ano 03 | nº 05

Revista-laboratório do curso de Jornalismo
das Faculdades Integradas Rio Branco

ESTRANGEIROS EM SP

Refugiados que encontram
aqui uma chance de recomeçar

Os desafios e as
conquistas de ser
estrangeiro na maior
cidade da América Latina

Culinária para estrangeiro ver:
as delícias da multicultural
gastronomia brasileira

PROCESSO SELETIVO

PRESENCIAL E EAD
Campi Lapa e Granja Vianna

Inscreeva-se »

 **RIOBRANCO** | Faculdades Integradas

www.riobrancofac.edu.br | 0800 16 55 21



Presidente da Fundação
de Rotarianos de São Paulo
Nahid Chicani

Chanceler
Eduardo de Barros Pimentel

Diretor Geral
Profº Dr. Edman Altheman

Diretor Acadêmico
Profº Dr. Alexandre Uehara

Coordenadora do Curso de Jornalismo
Profª Dra. Patrícia Rangel

Coordenador dos Cursos de Comunicação
Social, Publicidade, Editoração e Design
Profº Me. Paulo Durão

Reportagem, edição e revisão
Professoras Responsáveis
Profª Dra. Patrícia Ceolin do Nascimento
Profa. Ma. Renata Carraro
Profa. Ma. Patrícia Paixão

Planejamento visual gráfico
Profª Dra. Iara Pierro de Camargo
Profº Me. Paulo Durão

Projeto Gráfico
Carolina Izabel da Silva

Estagiária de Design:
Caroline Padilha

Foto da capa:
Banco de Imagem Istockphoto

Revista **Origens** é uma publicação elaborada
pelos alunos do curso de Jornalismo, das
Faculdades Integradas Rio Branco.

Endereço: Avenida José Maria de Faria, 111
Lapa, São Paulo - SP, Cep: 05038-190
Tel. (11) 3879-3100

Editorial

“E eu não tenho pátria... E quero frátria”

O trecho da canção de Caetano Veloso serve de título para este editorial e de guia para a quinta edição de ORIGENS. Mantendo seu já tradicional padrão de qualidade, a revista sai às ruas para dar conta do melhor que um jornalista sabe fazer: sujar a sola do sapato, que é como se diz no jargão dessa categoria profissional, em busca da informação de atualidade de interesse público. Que significados pode ter o “ser estrangeiro” hoje no Brasil?

Em “Quem faz parte da história do nosso comércio”, Ana Carolina Osmak, Kathia Laurindo e Marcelo Pereira Surcin trazem a história de estrangeiros que reinventaram a própria vida no ramo do comércio em São Paulo. Na sequência, Carolina Cristina e Kaique Dalapola visitam o tema do “Mais Médicos: um conflito no cenário da saúde”, e constatam que as estatísticas positivas não são suficientes para criar consenso em torno do programa, que, para muitos, “rouba empregos de brasileiros”.

Um canadense abre um bar e usa o espaço para a prática do idioma inglês. Damaris Barros e Jemima Barbosa vão conferir, em “Próximo pedido: inglês em uma mesa de bar”. Nas páginas seguintes, o leitor descobre, na reportagem de Bruno Solano, Ketheleen Oliveira, Lavinia Simonavicius e Vitalina Câmara, que “Nem todo asiático é japonês!”, com ponto de exclamação, porque preconceitos e desinformação causam sempre sofrimento em alguém.

O leitor interessado viajará com prazer por muitas outras pautas nas páginas seguintes de ORIGENS. “Senhoras sem destino”, por Ana Rodrigues, Larissa Darc, Sarah Furtado e Wallace Leray; “Uma vida construída por retalhos”, por Jenniffer Santos Silva e Pedro Paulino; “Uma jornada de sabores”, por Daniela Romano, Giovanna Félix, Julia Pinto, Mariana Franco e Paloma Sganzerla; “Orgulho de ser português”, por Caroline Fernandes, Deise Dantas, Jefferson Rodrigues e Sarah Siqueira; “Refúgio”, por Isabella Liporoni e Mariana Barros; “Jornalista peruana diz ser ‘estrangeira privilegiada’”, por Isabella Liporoni e Mariana Barros; “Sentimento de estrangeiro”, por Gigi Pavanello; “Estrangeiros unidos por uma bola no pé”, por Cleber de Oliveira Silva e Tatiane Cordeiro; “Complexo de vira-lata”, por Ana Rodrigues, Larissa Darc, Sarah Furtado e Wallace Leray; “Professores na Terra Prometida”, por Ester Muniz e Karine Seimoha; e, finalmente, em “Calma, vou dar um jeitinho!”, a crônica assinada por Mariana Barros. Esses jovens aprendizes de feiticeiros mostram, com autoridade, diferentes facetas do ser estrangeiro no Brasil.

Nada mais resta do que desejar boa leitura a todos! Muito boa, aliás.

Renata Carraro

Sumário

6 **ROTEIRO**
O comércio praticado por estrangeiros em São Paulo sob o olhar de um taiwanês, um libanês e um alemão

8 **SAÚDE**
Mais Médicos: um conflito no cenário da saúde

11 **PERFIL**
Padre Assis Tavares, de Cabo Verde para Vila Prudente

14 **EMPREENDEDOR**
Estrangeiro abre estabelecimento para incentivar forma descontraída de praticar o idioma

16 **IDENTIDADE**
Nem todo asiático é Japonês!

18 **TRABALHO**
As dificuldades de quatro mulheres africanas em busca de emprego

20 **CULTURA**
Portugueses que, apesar de morarem no Brasil há décadas, fazem questão de manter suas tradições e costumes

22 **GASTRONOMIA**
As influências na gastronomia brasileira de geração a geração

25 **REFUGIADOS**
Omana Kasongo Ngandu Petench, 50 anos, refugiado da República Democrática do Congo

28 **ENTREVISTA**
Verônica Goyzueta, jornalista peruana, vencedora do Prêmio Comunique-se

30 **SENTIMENTO DE ESTRANGEIRO**
Brasileiros que se sentem estrangeiros em terras paulistanas

32 **FUTEBOL**
Estrangeiros unidos por uma bola no pé

34 **COMPORTAMENTO**
Complexo de vira-lata: a falta de fé do brasileiro em si mesmo

38 **PROFESSORES**
Imigrantes ensinam idiomas e suas diferentes realidades aos brasileiros

40 **COMO FIZEMOS**
Os desafios e as histórias de bastidores das reportagens

41 **CRÔNICA**
Calma, vou dar um jeitinho



Quem faz parte da história do nosso COMÉRCIO?

Sob olhares de um taiwanês, um libanês e um alemão, a reportagem mostra o comércio praticado por estrangeiros em São Paulo

O Brasil é um país multicultural desde que foi descoberto e explorado por portugueses no século XVI. Abrimos as portas para receber toda e qualquer cultura, filosofia, raça, cor, não importa de onde esses estrangeiros vêm, mas sim, como podem acrescentar para nosso país. A cidade de São Paulo encaixa-se perfeitamente nessa união de culturas. Um roteiro sobre a capital paulista mostrará pedacinhos de Taiwan, Líbano e da Alemanha no comércio paulistano.

Cultura chinesa e árabe ajudam a construir o comércio central paulistano

A arquitetura e as pessoas parecem ter sido teletransportadas de seu país de origem. Iluminação em formato arredondado, postes com características típicas de um país com muita tradição. Dragões e músicas representam uma cidade alegre. Uma feirinha típica atrai multidões, sendo a maioria oriental. Pessoas de tamanho

médio, rosto largo e olhos puxados.

A Liberdade é um bairro na região central da cidade de São Paulo. Conhecido pelas variedades gastronômicas, roupas e objetos trazidos do Japão, ela tende para a cultura exclusiva deles. Certo? Errado.

Não é um lugar apenas de japoneses. Existem fortes aliados a eles: os chineses. A costumeira rivalidade fica da porta para fora do nosso país. Aqui, são parceiros de trabalho e de amizade. A cultura desse povo agregou-se aos costumes locais.

Depois que a escravidão acabou no Brasil, em 1888, o país passou a receber vários estrangeiros que buscavam uma vida melhor ou fugiam de guerras. O comércio “Mercearia e Bomboniere TOWA” é resultado dessa imigração. A mercearia vende produtos importados há mais de 40 anos. O dono do local, Johnny Chang, esclarece por que as pessoas se confundem. “Antigamente, os japoneses tinham o comércio, mas com o tempo eles foram procurar outra profissão, aí os chineses vieram para cá”.

Ainda pelo centro de São Paulo, ponto comercial muito forte, percebe-se que a Rua 25 de Março é a mais movimentada. Lá, encontra-se de tudo: desde bijuterias até eletroeletrônicos. Além disso, passou a ser um grande point de comerciantes estrangeiros. Basta caminhar para ouvir, no mínimo, três idiomas diferentes. Mas não foi sempre assim...

No século XIX, os imigrantes árabes abriram as primeiras lojas no local, onde havia muitas enchentes e,

por conta disso, alguns produtos eram perdidos. O que sobrava era vendido a preços muito baixos. Foi a partir daí que a 25 passou a ser frequentada por gente do mundo inteiro, à procura de diversidade e preço baixo.

Mohamed Youssef, dono de uma loja de eletrônicos, fugiu do seu país para buscar algo que não tinha: paz! “É muito difícil ficar longe de todo mundo, principalmente da minha família e amigos. Aqui (no trabalho) tenho amigos que me ajudaram muito”, declara.

E na região sul de São Paulo, a cultura alemã cria raízes no bairro do Brooklin

Brooklin, bairro situado na zona sul de São Paulo, tem duas festas anuais que acontecem há quase 20 anos e atraem mais de 150 mil pessoas. Elas retratam especialmente a culinária, bandas e brincadeiras típicas alemãs. A MaiFest ocorre em maio, pois é a entrada da primavera na Alemanha. Já a BrooklinFest é uma versão brasileira da OktoberFest (Festival de cerveja realizado na Alemanha).

“A gente participa das festas desde as primeiras, pois o nosso restaurante fica exatamente onde acontecem, é o único restaurante alemão que participa diretamente”, revela Carlos Heying, um dos proprietários.

O restaurante “ZurAltenMühle” é conduzido pelos irmãos Carlos e Werner Heying, filhos de pai alemão e mãe italiana. O espaço dá a impressão de que voltamos no tempo e nos deparamos com uma taverna: arquitetura rústica, luz ambiente escura, chopp’s servidos em grandes canecas e mobília de madeira maciça. Muitos brasileiros visitam o local.

Carlos conta que o pai veio para o Brasil por volta de 1947. O plano não era se instalar, mas ele gostou. Então, construiu o restaurante sem fins lucrativos para receber



Mohamed Youssef, dono de loja de eletrônicos

“É muito difícil ficar longe de todo mundo, principalmente da minha família e amigos. Aqui (no trabalho), tenho amigos que me ajudaram muito.”
Mohamed Youssef

amigos. Nas décadas de 70 e 80, a quantidade de alemães nessa região era enorme, já nos anos 90 eles foram casando com brasileiros e a colônia se dispersou. Mesmo assim há muitos alemães no bairro.



Carlos Heying proprietário do restaurante alemão ZurAltenMühle de arquitetura rústica em ambiente escuro dá o clima



Mercearia e Bomboniere TOWA existe há mais de 30 anos



Johnny Chang em sua Mercearia na Liberdade

MAIS MÉDICOS: Um conflito no cenário da saúde

Mesmo com estatísticas positivas, o impacto do programa no país divide opiniões entre profissionais



18.240
NOVOS MÉDICOS



73%
DE COBERTURA
EM MUNICÍPIOS



REFORMAS, CONSTRUÇÃO
E AMPLIAÇÃO
26 MIL
UNIDADES BÁSICAS (UBS)



34
DISTRITOS
INDÍGENAS

A criação dos Mais Médicos, no segundo semestre de 2013, causou um impacto muito grande para o país. As críticas como “só vieram tomar emprego dos brasileiros” e “não dá nem para entender o que eles falam” são frases comuns quando o assunto são os doutores estrangeiros que chegaram ao Brasil para integrar o programa. Na verdade, essas frases eram quase unânimes no país. Hoje, muitos estrangeiros de diversas nacionalidades ganharam a confiança dos nativos, principalmente os que residem nas áreas periféricas.

O venezuelano Alvaro Emma-

nuel Josue Cardona Bermudez, 30, integrante da primeira turma em São Paulo, acredita que os brasileiros têm “frescura em não querer trabalhar nos hospitais públicos das periferias”.

Assim como outros participantes do programa, Cardona passou por um período de adaptação, sendo nove horas de aulas por dia, durante um mês e uma avaliação para, só depois de aprovado, iniciar na Unidade Básica de Saúde (UBS).

No entanto, Andrea Lemos, 42, brasileira, médica há 17 anos, conta que já tirou dinheiro do próprio bolso por diversas vezes enquanto

trabalhava na saúde pública para comprar algumas necessidades para o posto. Ela ainda se queixa de erros em receitas que recebeu de paciente medicado. “Uma vez eu peguei de um médico colombiano. Segundo ele, a paciente estava com gripe. Ele receitou um antibiótico para tratar infecção bacteriana, mas a paciente estava infectada por um vírus”, exemplificou.

Trabalhando oito horas diárias e quatro dias por semana, Cardona conta que os médicos estrangeiros estão restritos ao programa e não podem trabalhar por fora, registrados. As UBS não funcionam aos

sábados e domingos, mas, às vezes, campanhas para a população são feitas durante o final de semana.

Já Andrea acredita que a falta de recursos para a profissão é muito mais relevante para a falta de médicos na saúde pública.

“A saúde no Brasil é uma lástima. Saúde pública é mais do que isso. Acho que hoje enfrentamos uma situação muito complicada. Para o médico conseguir trabalhar na rede pública, ele sofre. Não há recurso nenhum para trabalhar como realmente precisa”.

A assessora técnica da Coordenadoria Regional de Saúde Sudeste, Renata Luciana Hasegawa Fregonezi, diz que existe uma falha na formação acadêmica, porque tem pouca carga teórica na atenção básica, e quando os novos profissionais vão para hospitais públicos,

ficam em unidades precárias, que causam uma impressão negativa.

Entra qualquer um que tiver grana

No Brasil, muito se cogita sobre os altos salários da classe médica, além de suas boas condições de trabalho. Porém, o que se vê nas periferias paulistanas é a falta de qualidade no atendimento e escassez desses profissionais. Esse quadro era ainda pior antes de 2013, quando o Mais Médicos foi implantado. Cardona explica que “é melhor para um médico brasileiro trabalhar na cidade, fazendo residência e pós-graduação, do que ficar indo pra fronteiras, porque não é obrigatório fazer

rural aqui”. E continua: “Na Venezuela, se você for bom, mas não tiver dinheiro, tudo bem, porque você não paga para ser médico. Aqui, as poucas universidades públicas são muito difíceis de entrar, e nas privadas entra qualquer um que tiver muita grana para pagar”. Porém, existe uma diferença em relação à distribuição dos salários entre os cubanos e demais estrangeiros. Com o primeiro grupo, o Brasil paga diretamente para Cuba, que distribui a remuneração para a família que ficou no país. Já para os outros estrangeiros, o pagamento é recebido diretamente pelo Ministério da Saúde.

“A saúde no Brasil é uma lástima. Saúde pública é mais do que isso.”
Andrea Lemos



Alvaro Cardona, médico venezuelano da primeira remessa do Mais Médicos, tece elogios à saúde pública brasileira.

Andrea Lemos, formada pela Universidade de Mogi das Cruzes, fez residência em medicina de família e trabalhou nesta área por cinco anos. Quando chegou na UBS do Jardim Alegria, em Francisco Morato, encontrou um posto sem pacientes, pois as pessoas não tinham o conhecimento de quando ir ao médico. Por essa razão, Andrea começou a aplicar provas às agentes de saúde, para ensinar a população sobre a periodicidade das consultas. No começo, o posto era vazio. Depois, as pessoas iam para a fila à 1h, 2h da madrugada de quinta para sexta-feira, a fim de agendar seu atendimento.

Atenta a todas as notícias relacionadas ao programa do Governo, Andrea diz que é contra a forma como o Mais Médicos foi criado. Para ela, existem profissionais o suficiente no Brasil, não sendo preciso a importação.

A médica explica que os médicos brasileiros são mal aproveitados, todos querem ir para o centro, porque nas demais regiões não existem recursos. “Para mim, existem três pontos negativos: a falta do revalida [passar por novo processo de revalidação de diploma], a criação de mais faculdades, e trazer mais médicos para o Brasil”, conta Andrea. “Se eu quiser ser médica na Europa, tenho que estudar lá por dois anos, e só depois fazer uma prova. Eles fizeram uma avaliação e entraram sabe se lá como, esse foi o revalida deles. Você é médico no seu país, mas se for pra outro, tem que revalidar”.

A principal diferença entre os profissionais estrangeiros e brasileiros não está na qualidade de formação acadêmica, segundo pacientes. Karina Farias Monteiro, 22, moradora do Grajaú, zona sul de São Paulo, destacou que a educação, paciência e atenção dos médicos estrangeiros é o que difere os participantes do programa dos demais médicos da região em que ela vive.

Grávida de sete meses, Karina foi atendida durante cinco meses pela médica cubana Maydaivis Gomes Callejas. Os dois meses em que a doutora



Andrea Lemos, médica brasileira, acredita que o Programa Mais Médicos não passa de propaganda do governo.

ficou afastada por férias e, depois, problemas de saúde, foram o suficiente para a jovem “quase perder o bebê, sem nem saber que era um problema grave”.

Karina explicou que o tempo em que foi atendida pelo doutor Ricardo, não se lembra o sobrenome e nem guardou as receitas médicas dadas por ele, foi descoberto que o feto tem síndrome de intestino ecogênico+, reclamou.

A jovem relatou que em seu sexto mês de gestação, quando a médica cubana voltou a atendê-la, foi constatado que o problema no bebê teria que ser tratado com urgência e, a partir de então, ela teria que passar em consultas pelo SUS em média três vezes por mês, não apenas uma vez mensal, como estava sendo anteriormente.

“Os brasileiros têm frescura em não querer trabalhar nos hospitais públicos das periferias.”
Alvaro Cardona Bermudez

Colaborou nesta matéria: **Lindomar Maria da Silva**

UMA VIDA CONSTRUÍDA POR RETALHOS

– Alô! Por favor, o Padre Assis.

– Ele não está, foi ao Centro da Vila Prudente.

– Bom dia, o Padre Assis está?

– Não, ele hoje foi ao dentista.

– Alô! Padre Assis?

– Alô, ele mesmo, pode falar... Dia 19 de março estarei em um casamento, 26 não posso, é Semana Santa, muito corrido. Dois de abril? Não, vou viajar à Brasília. Nove? Está perfeito para mim!

Enfim, chega o dia. Era uma manhã extremamente quente, o metrô estava cheio. A partir daquele momento seriam três horas de viagem até chegarmos à estação Vila Prudente, na zona leste de São Paulo.

Por sorte, chegamos pontualmente no horário marcado, 10 horas. Telefonamos e ele veio ao nosso encontro. Ao chegar, logo pôde ser reconhecido: roupa colorida tipicamente africana, e sua inconfundível touca rastafári. Sorriso espontâneo. Logo um abraço e a pergunta:

- Tudo na paz?

Uma caminhada de mais ou menos dez minutos, o padre aparenta entusiasmo, adianta nosso trabalho, responde perguntas que nem ao menos haviam sido feitas. Ele gosta de conversar. Logo aparece uma fiel da Paróquia São José Operário. Os dois conversam até chegarmos ao farol e então se despedem. Ele nos conta que por ser uma senhora sozinha, conta com a amizade dos padres e de seu gatinho para amenizar a solidão.

Uma comunidade e logo na entrada um olheiro. As paradas para os cumprimentos continuam até chegar à

igreja, onde começaria um papo descontraído e cheio de histórias.

Cabo Verde que corre nas veias

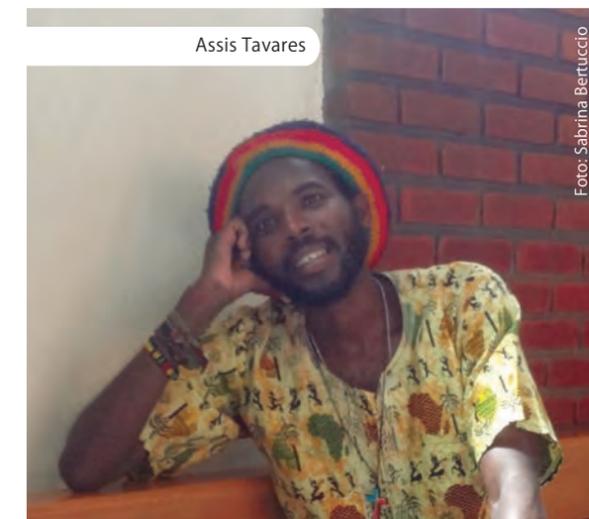
“Meu país, assim como o Brasil, foi um país colonizado, então, dentro de mim essa sede por liberdade aflora”. Cabo Verde tornou-se independente apenas em 1975, muito recente, porém, foi descoberto antes do Brasil, em 1460.

Uma simplicidade sempre vem à tona nas falas de Assis: “Se eu morrer amanhã já disse à minha mãe que quero ser enterrando aqui na Vila Alpina pra dizer que sou um de todos”, diz ele.

Um retrato fiel de sua cultura africana, Assis afirma não ter vergonha de suas origens: “Como teria vergonha dos meus dreads, cabelo crespo? É o meu berço. Ter vergonha é resultado de uma defasagem entre o hoje e o passado. Me considero um cidadão do mundo, uma colcha de retalhos”.

Infância e entrada no seminário

Assis Tavares, 34 anos, nasceu em Cabo Verde, África. Nunca havia pensado em seguir o caminho do sacerdócio, mas como ele mesmo diz, os “retalhos” da vida gerou



Assis Tavares

Foto: Sabrina Bertuccio

desconfiança por parte da família. “Eu sempre fui muito bagunceiro, sabe? Meu pai e as pessoas falavam: Assis no seminário?”

Entrou para a Congregação dos Espiritanos e foi para Portugal estudar Filosofia. Depois, morou na França e fez seu estágio no Amazonas. Este foi seu primeiro contato com o Brasil.

O interesse por São Paulo surge quando um antigo amigo, Patrick Clark, da mesma congregação que a sua, ativista e fundador do Movimento de Defesa do Favelado, manda a ele um projeto. “Um casamento perfeito entre a igreja e o social”, define Assis.

O objetivo dos vários projetos defendidos e realizados pelo padre é tirar as crianças da rua e fazer uma concorrência leal com o tráfico. Em um de seus passeios pela comunidade, passou por uma situação curiosa, mas muito significativa: “Uma vez disse para o filho de um traficante chegar em casa e dizer para o pai ‘je’taime’. Foi o que ele fez. Alguns dias depois, o traficante me parou, me deu a mão e disse:

- Meu filho chegou em casa falando todo enrolado e eu perguntei quem o havia ensinado.

- O padre, pai.

- O que significa filho?

- Te amo.

- Padre, o senhor aqui tem proceder.

Fierté é a palavra

Assis diz para a criançada se orgulhar do lugar onde moram, da cor da

pele, de sua roupa. “É terrível quando cara entra nessa coisa da crise de identidade. É preciso ter fierté (orgulho, em francês). É importante o resgate histórico para saber quem você é hoje. Digo aos meus alunos: ‘falem favela sim!’”

Identidade

O propósito de ajuda ao próximo sempre fez parte; a luta aqui no Brasil nada mais é do que um reflexo do que sua família vivia em Cabo Verde. “Meu pai e meu tio faziam parte da Cruz Vermelha e desde criança via os caras ajudando as pessoas; isso me influenciou bastante. Chegava de zembro eu ganhava brinquedos e dividia com outras crianças, minha mãe ficava chateada.”

“Minhas túnicas são coloridas, eu me sinto um homem livre”.

Sacristia ou Protesto?

Em sua vida de militância, Assis nunca poupou esforços para lutar por causas que jugasse justas, ele enfrenta os mais diferentes conflitos.

Em um protesto contra o aumento da tarifa, ele e mais três jovens vão até a Avenida Paulista participar de uma manifestação. Durante a caminhada, a polícia militar faz uma intervenção jogando gás de pimenta e balas de borracha sobre os manifestantes, momento em que o grupo acaba se dispersando em meio à confusão.

Tempo depois eles se reencontram. Assis afirma a eles: Eu prefiro estar aqui apanhando da polícia com vocês, do que estar na sacristia folheando o lecionário.

Um abraço muda tudo

Era uma manhã de domingo, quando os participantes de um evento religioso fizeram uma oração no Cemitério de Perus, local que remete aos anos de sofrimento da ditadura. O que ninguém poderia imaginar, é que entre os jovens havia um que o pai fora enterrado como indigente naquele local. Logo as lembranças surgem no coração dele. Seu nome, Bruno Cesar.

Ao retornarem à igreja, Cesar, em um momento de partilha, relata o que havia sentido e os motivos, todos ficam muito surpresos, pois nunca antes ele havia contado isso a ninguém. Assis também participava daquela missa e ao ouvir suas palavras, o abraçou e disse que onde quer que seu pai estivesse, teria orgulho do homem que havia se tornado.

“Lavaí os pés uns dos outros”

Era semana santa, três presidiárias estrangeiras, duas cabo-verdianas e uma moçambicana, conseguem o benefício de sair no feriado de páscoa, ficam hospedadas na Casa Paroquial Espiritana. Como em todos os anos é realizada, na quinta-feira santa a chamada Missa de Lava Pés; o escolhido para reproduzir o gesto deixado por Jesus foi Assis. Seguindo a tradição são escolhidas doze pessoas para compor a mesa (o critério para a escolha é livre). Neste ano as três mulheres faziam parte da roda, Assis lava seus pés em sinal

“ Escolhi estar com o povo e assumir as consequências.”

de serviço. Momento de muita emoção. “Elas choravam muito, me mandaram cartas dizendo que estão aqui há três anos que foram três dias que valeram mais que três anos, isso acabou comigo”.

A igreja em cima do muro

Com relação à postura da igreja nos dias de hoje ele logo afirma: “Com o Papa Francisco eu respiro. Nossa, esse cara é o exemplo da igreja que eu sonhei, é um político; afinal, quem está na pólis, cidade, é um político”. “Escolhi estar com o povo e assumir as consequências”. “Os poderosos podem matar muitas rosas, mas nunca poderão deter a primavera”; essas frases para mim são como bússolas e não foram santos que disseram, mas sim homens que, assim como Jesus, não compactuavam com o mal e a injustiça”.

Inspiração

“Dizia Rosa Luxemburgo: ‘Sonho com um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes, mas totalmente livres’. Olha que ela nem era santa, mas falou a verdade. Sonhamos com um mundo onde o negro e o branco possam circular livremente. Acredito que a liberdade te dá responsabilidade. Se for para apanhar, eu apanho. Se for para matar um pai de família, prefiro ir no lugar dele. Quero viver e não ter vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz. Então eu vou. Gosto de militar e estar junto e misturado. A causa é comum, temos que lutar por ela. Não sabemos se venceremos, até um dia a liberdade cantar para alguém. Ela ainda não é efetiva, absoluta. Será um dia quando seus netos crescerem. Quem sabe?”



Assis Tavares e a Comunidade de Vila Prudente

PRÓXIMO PEDIDO: INGLÊS em uma mesa de bar

Estrangeiro abre estabelecimento para incentivar forma descontraída de praticar o idioma

Luzes baixas, mesas iluminadas internamente com lâmpadas azuis, vários quadros de personalidades da música, prateleira branca com uma iluminação que chama atenção para a diversidade de bebidas que se distribuem nela, um sino na parte central do salão, rock para agitar o local e uma escada no fundo. É nesse cenário de descontração que alunos de inglês praticam o idioma e curtem como em qualquer outro bar. O estabelecimento surgiu da iniciativa de um canadense que passou a morar no Brasil.

O professor de inglês, Rusty Russell Roy Coulson, 45 anos, não teve formação na área de docência. “Fiz psi-

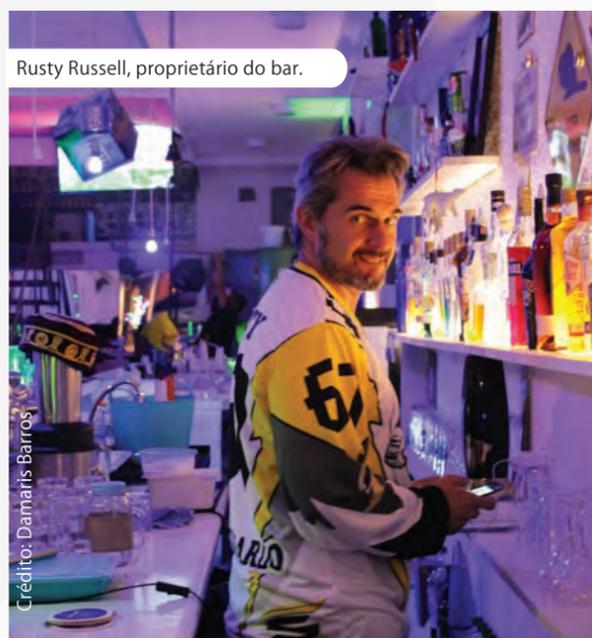
cologia quando eu morava lá no Canadá, trabalhei com isso durante seis meses e me mandei para o Japão, onde fiquei por 15 anos e dois na Austrália. Trabalhei em bares, cafés, restaurantes”. Depois se casou com uma brasileira de Santo André.

Seu primeiro trabalho foi ser professor particular de inglês. Hoje, tem quatro alunos por conta das demais ocupações. Ele também foi professor no Japão. Rusty afirmou ser mais fácil lecionar no Brasil porque os brasileiros são mais receptivos.

Depois de perceber que os alunos não tinham onde praticar a língua estrangeira, o canadense decidiu abrir o bar “Little Igloo”. O lugar é frequentado por alunos de níveis iniciante, intermediário e avançado, pessoas que foram para o exterior e voltaram ao Brasil ou simplesmente que querem tomar um drink.

O estrangeiro tem uma rotina agitada, além de ser professor e dono do bar, também trabalha com vendas. “Eu uso o inglês para vender. Vendemos para o Canadá, Estados Unidos, Austrália e Brasil”. Os funcionários não são fixos e trabalham com a intenção de aprender o idioma. “Alguns vêm uma vez por mês, outros, uma por semana”. Os frequentadores, segundo o dono, gostam do ambiente, tanto para treinar o inglês, como para fazer novas amizades. Todos têm empregos fixos e ganham um dinheiro extra trabalhando no bar.

“O bar me proporcionou a oportunidade de exercitar bem mais (o idioma)”
Murilo, 27



Rusty Russell, proprietário do bar.

Crédito: Damaris Barros

O estabelecimento abre às 18 horas e fecha à meia noite, de terça a sábado e aos feriados.

Um dos funcionários do Igloo diz trabalhar com comércio exterior. “Teve uma época que passei a usar menos o inglês no meu trabalho. Se não pratica constantemente acaba perdendo um pouco da fluência. O bar me proporcionou a oportunidade de exercitar bem mais, e com isso, obviamente, a gente acaba evoluindo”, conta Murilo, 27 anos, que conheceu o bar por morar perto. Se apegou ao local desde a primeira visita, há dois anos.



Prática de inglês em ambiente descontraído.



Ao ser questionado sobre o desempenho daqueles que são iniciantes no estudo do idioma e vão lá para praticar, ele responde que algumas pessoas são mais tímidas e por isso não conseguem desenvolver a conversação. “Então não muda nada, eu irei recebê-las, falo um pouco de português, ofereço bebidas e ok. Se o cliente quiser falar conosco, tudo bem, se não, nós não falamos, aqui é um bar, é um lugar público, as pessoas podem vir, beber, assistir televisão e conversar em português”.

Degustação do espanhol com sabor peruano

O Rinconcito Peruano, restaurante com mais de 10 anos de tradição na cidade de São Paulo, comporta 293 clientes sentados, superando até as expectativas do proprietário peruano Edgar Villar, 37 anos.

Villar chegou à capital paulista com 21 anos e passou a trabalhar como artesão na Rua 25 de Março em troca de comida e moradia; entretanto as dificuldades e a paixão pela arte de cozinhar o levaram a vender marmitas representativas da culinária peruana, ocasionando a abertura do restaurante.



O local é conhecido por sua clientela variada, que além de consumir, tem a possibilidade de treinar o idioma.

Hoje, com seis filiais, Villar ajuda seus conterrâneos no Brasil, empregando-os por dois anos.

Ganhador de dois prêmios renomados, o Prêmio Ceviche na Expoceviche e o melhor Ceviche de São Paulo pelo “Paladar”, o Rinconcito mostra que através de muito trabalho e acreditando em seu sonho é possível vencer fora de seu país.

tando em seu sonho é possível vencer fora de seu país.

Nem todo asiático é japonês!

Especialistas e representantes das comunidades orientais comentam a generalização que sofrem no dia a dia

“Eu acho que é tudo a mesma coisa, é tudo igual. É só você ver as pessoas por aí ó, tudo igual”, diz Emerson de Oliveira, 23, que trabalha como porteiro de um estacionamento da Liberdade, bairro onde há grande concentração dos povos asiáticos, sobretudo japoneses e descendentes. A mesma coisa é dita por Darcy Vieira da Silva, 65, que trabalha há 30 anos na região como comerciante, e Paulo Loja, 58, que também trabalha na região. A frase “são todos iguais” aparece no discurso de ambos, sintetizando a generalização que os brasileiros costumam fazer daqueles que possuem os olhos puxados. Você já se perguntou por que isso acontece?

Desde o início do século 19 o Brasil convive com os povos asiáticos. Os chineses foram os primeiros, seguidos pelos japoneses, e, bem mais tarde, chegaram ao Brasil os coreanos. “Com a dificuldade de adaptação aos costumes brasileiros, os chineses não foram tão bem sucedidos. O contrário aconteceu com a imigração japonesa, que desde o seu início, em 1908, só fez crescer. Com o sucesso desse movimento, o povo brasileiro começou a rotular todos os asiáticos como japoneses”, explica Alexandre Uehara, 48, especialista em Relações Internacionais, com ênfase em assuntos asiáticos,



Alexandre Uehara, doutor em Ciência Política pela USP

Crédito: Ketheleen Oliveira

“Se alguém chamar você (um brasileiro) de argentino, isso incomoda?” - Priscila Park, 24, coreana

e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP).

A chegada dos coreanos, em 1963, tornou essa confusão ainda maior. Diante de tantos “olhos puxados” no Brasil, o brasileiro já não conseguia diferenciá-los. “A generalização aumentou. Todo asiático que o brasileiro vê, pensa que é japonês. Essa é uma característica muito própria do Brasil. Há diversos motivos para que ela ocorra. Dentre eles, a semelhança física, pele clara, estatura mediana, formato do rosto, isso sem mencionar os olhos pequenos e puxados”, complementa Uehara.

A blogueira Hagne Ciochi, 17, mais conhecida como Young Mi, que fala sobre as culturas orientais em seu blog “Nosso Munchinho”, afirma que o principal motivo para a generalização é a falta de conhecimento das culturas orientais por parte dos brasileiros. “É natural que, com essa carência de informação, os brasileiros não saibam diferenciar tais culturas e acabem por generalizá-las.”

Muitas vezes, os asiáticos se ofendem ou até mesmo se magoam. “Essa generalização de culturas acaba por passar dos limites. Mesmo sabendo que é errado, elas continuam fazendo”, declara Hagne.

Descendente de chinês, Ana Zhaio, 14, afirma não gostar de ser confundida com outra nacionalidade por divergências ligadas ao passado desses povos. O mesmo ocorre com Paulo Teruachi Takeda, 75, assessor e guia do Museu da Imigração Japonesa no Brasil. Ele diz: “confundir japonês com chinês é uma ofensa. Se uma pessoa me chama de chinês é porque faltou bom senso da pessoa que confundiu. Se não sabe, é melhor perguntar e não julgar pela aparência”.

De acordo com Alexandre Uehara, ainda existe um



Mesa típica para refeições na Coreia

pouco de tensão, uma disputa entre os países da Ásia, resultado do conflito existente na Segunda Guerra Mundial.

Por outro lado, há muitos asiáticos que confessam não se incomodar quando têm a sua nacionalidade trocada. Yuit Tamaioto, 56, é um exemplo disso. Japonês, ele afirma não se importar, pois as características físicas entre esses povos são semelhantes e somente eles mesmos conseguem distinguir: “É a mesma coisa com o pessoal daqui [de São Paulo]. Costuma generalizar como “cearense” ou “baiano” qualquer pessoa com sotaque, vinda das regiões Norte e Nordeste”.

O chinês Well Zhaio, 18, e a estudante coreana Priscila Park, 24, também disseram ser confundidos frequentemente, mas que já se acostumaram e não se importam. “Se alguém chamar você (um brasileiro) de

argentino, isso incomoda?”, pergunta Priscila.

Morando no Brasil há 18 anos, a professora do Instituto Confúcio, Tsui Huan Lin (Helena Lin é o nome que ela adotou no Brasil), 42, diz que essa confusão é algo natural pelo fato de a chegada em massa de japoneses na Liberdade ter acontecido bem antes: “Os brasileiros, já acostumados com os japoneses, achavam que todos que ali chegavam, eram japoneses”.

Mesmo sendo tão parecidas, esses povos podem sim ser diferenciados através da linguagem e escrita, dos seus costumes, da cultura, da religião, comidas típicas e suas especificidades. Então fica a dica: da próxima vez em que você vir uma pessoa asiática, para evitar constrangimentos, pergunte antes qual é a sua nacionalidade. Com esse comportamento, estará demonstrando respeito e atenção aos estrangeiros que tanto amamos.

“Origem das imigrações ao Brasil”

A imigração coreana

Na condição de colonos agrícolas, em 1963, começa a imigração coreana no Brasil. Porém, há registros de que os primeiros coreanos que chegaram em 1918, eram apenas seis pessoas que vieram visitar o país e não retornaram. Na década de 1950, também vieram ao Brasil pequenos grupos familiares e prisioneiros da Guerra da Coreia (1950-1953). 50 mil é o número de coreanos em São Paulo de acordo com o Consulado Geral da República da Coreia.

A imigração japonesa

Após o Tratado de Comércio, Amizade e Navegação, começa a imigração japonesa para o Brasil, em 1895, porém devido à dificuldade da língua, barreira cultural, problema político com os Estados Unidos e à política de embranquecimento (nessa época os políticos achavam que a população brasileira devia ser europeia) ela não prosperou. Somente em 1908, a imigração japonesa ganhou corpo. Residem em São Paulo 326 mil japoneses conforme o Consulado Geral do Japão.

A imigração chinesa

A imigração chinesa no Brasil, data de 1810, quando os primeiros chineses, vindos de Macau, colônia de Portugal, chegaram ao Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, para o cultivo do chá. Nesse período a experiência não foi bem sucedida devido à dificuldade de adaptação por causa de seus costumes e cultura, que eram muito diferentes dos costumes brasileiros. Atualmente há 200 mil chineses em São Paulo, segundo o Consulado do Governo Popular da China.

Foto: Bruno Solano - Fundação Centro Cultural Coreano

SENHORAS sem destino

A saga de novela que mulheres enfrentam em busca de trabalho

São de histórias maravilhosas contadas em novelas brasileiras exibidas lá fora, como *América*, *Coração de Estudante* e *Tempos Modernos*, que jovens enxergam no Brasil o lugar onde poderiam escrever o seu próprio roteiro de aventuras. O enredo, normalmente, narra casos bem sucedidos de personagens felizes, empregados, cercados de amigos e familiares, plenamente integrados à sociedade. Não foi essa a trama que quatro estrangeiras africanas encontraram ao procurar emprego no Brasil.

América

Maravilha Mavenga, uma angolana de 21 anos, tem um trabalho. O expediente de 12 horas diárias em uma lanchonete permite que ela coma, tenha um lar e se locomova. Não em altos padrões, obviamente, mas a mantém um passo à frente de Abigawo, Kaxika e Yvone. Essas três estrangeiras chegaram ao Brasil há um ano e, no momento, estão desempregadas. Duas delas já trabalharam na mesma rede de fast food que Maravilha, e uma foi auxiliar de limpeza em um salão de beleza. As quatro dividem uma casa no bairro de Arthur Alvim, zona leste de São Paulo.

É fato que o Brasil tem passado por dias de crise econômica. Segundo registros do IBGE, desde 2012 a taxa de desemprego no país está cada vez mais alta, chegando aos 10,4 milhões de trabalhadores fora do mercado. Se a situação é difícil para quem é daqui, imagine para quem acabou de chegar e precisa se adaptar ao país?

Alguns até conseguem uma oportunidade, mas nem sempre ela é consolidada. Yvone, a congoleza de 32 anos, por exemplo, conseguiu um emprego em um salão de beleza como faxineira, onde trabalhou durante 9 meses. Foi demitida com a alegação de que o salão seria fechado por causa da crise, mas descobriu mais tarde que o estabelecimento continua aberto. Abigawo e Kaxika, ambas nascidas em Angola, foram contratadas por uma rede de fast food, porém 3 meses depois, foram desligadas da empresa sem justificativas.

As condições de trabalho também deixam a desejar. “Eles nos contratam como auxiliares de cozinha, mas somos obrigadas a fazer toda a limpeza do lugar. Trabalhamos das 11 da manhã às 11 da noite, com apenas uma hora de descanso. Nosso almoço é arroz e feijão todos os dias, e um danoninho de lanche da tarde com um pãozinho.”, disse Abigawo.

Ela ressalta que chegou a ser discriminada, por ser negra: “o primeiro mês foi tudo tranquilo, mas, depois disso, passaram a nos tratar com indiferença. Nossa cor faz diferença”.

O desabafo das moças não deve ser interpretado como ingratidão. Elas reconhecem que suas formações profissionais podem nunca ser sua fonte de renda oficial e entendem as dificuldades para a validação de seus diplomas devido à língua. Em poucas palavras definem suas expectativas: “Aceitamos qualquer trabalho. Limpeza, cozinha, qualquer coisa. Mas tem que ter dignidade, tem que nos tratar com consideração”, diz Kaxika.

Coração de estudante

O maior obstáculo na vida profissional das quatro africanas é o idioma. Apesar de falarem inglês, francês e alguns dialetos do seu país natal, ainda tropeçam em palavras do português. De acordo com Thais Alcântara, supervisora na Unidade do Imigrante, no Centro de Integração à Cidadania (CIC), a primeira dificuldade é o idioma. “Vivemos em um país que fala apenas uma língua, então não temos a mesma tradição de outros países, que são bilíngues. O Brasil fala só português, e como essas pessoas vêm de países com dialetos, não possuem grande conhecimento na língua portuguesa”.

Essa dificuldade exclui automaticamente as chances dessas pessoas de assumirem cargos onde a comunicação é de grande importância. Ironicamente, essas são as funções de maior remuneração e menor carga horária.

Existem algumas entidades que oferecem cursos de português para estrangeiros gratuitamente. Entretanto, um paradoxo cruel obriga o imigrante a escolher entre trabalhar para poder pagar seu aluguel e sua alimentação ou estudar para crescer profissionalmente. “Não podemos desistir do emprego pra estudar, porque não temos família no Brasil para nos ajudar no sustento. E também não podemos estudar, porque estamos trabalhando”, afirma Maravilha.

Tempos Modernos

Conscientizando e dando alternativas acessíveis para promover a justiça, o Centro de Integração à Cidadania (CIC) é um programa governamental que busca proporcionar à sociedade um meio de integração popular e a reivindicação dos seus direitos. Visando alcançar outras



Foto: Wallace Leray

esferas da nossa sociedade, o governo criou o CIC do Imigrante, localizado no bairro da Barra Funda, zona oeste da capital. No local, encontra-se um Posto de Atendimento ao Trabalhador (PAT). Como a falta de emprego é um carácter emergente dentro da comunidade de imigrantes, ele acaba sendo o serviço mais procurado.

Thais Alcântara fala sobre a mudança no cenário de empregos do país e os impactos nas vagas oferecidas aos imigrantes. “Até uns quatro, cinco anos atrás, a gente estava em outro cenário de emprego, tinha muita vaga, as empresas contratavam, vinham aqui, iam à Igreja Missão Paz, no Glicério. Tinha vaga pra obra, para um monte de coisa. Levavam as pessoas para trabalhar. Só que agora não, o quadro mudou. Hoje é muito mais intensa a vinda dessas pessoas, então, o país não

comporta a situação, não está conseguindo absorver”, ressalta a supervisora da Unidade do Imigrante.

Ela explica também a desinformação que esses estrangeiros têm quando estão à procura de trabalho: “eles acham que é só chegar aqui e trabalhar. Pensam que é só tirar a carteira de trabalho, o CPF, o protocolo e já podem trabalhar. Teoricamente seria isso, mas, na prática, não é assim que funciona. Cada empresa tem o seu critério de contratação, cada empresa sabe o que ela precisa”.

Vida de Novela

Mesmo hoje, vivendo no cenário que cresceram assistindo nas novelas, essas imigrantes ainda chegam em casa, após um longo dia de trabalho, e assistem à televisão. Apesar de caminharem pela longa avenida chamada Brasil, ainda não se tornaram senhoras de seu próprio destino.



Abigawo, Maravilha, Yvone (nome fictício usado para garantir a segurança da entrevistada) e Kaxika, imigrantes africanas.

“Passaram a nos tratar com indiferença. Nossa cor faz diferença.”
Abigawo

Orgulho de ser PORTUGUÊS!

Eles beijam a bandeira de seu país e ficam com os olhos marejados ao lembrarem das histórias que viveram nele. Nesta reportagem, você vai conhecer portugueses que, apesar de morarem no Brasil há décadas, fazem questão de manter suas tradições e costumes

Sábado, 19 de março de 2016, Casa de Portugal, bairro da Liberdade, São Paulo. Faltando apenas 30 minutos para começar a tradicional festa portuguesa “Vindima Típica”, que celebra a colheita das uvas, uma senhora vestida com xale preto finamente bordado com flores vermelhas, e um sorriso acolhedor, desce as escadas rumo ao salão principal. Seu nome é Tereza de Jesus de Oliveira. A aposentada, de 74 anos, é viúva e cantora. Preciso deixar sua aldeia em Chaves, Portugal, com quase 19 anos para vir morar no Brasil. Nunca abandonou suas raízes, vivendo, desde então, como uma verdadeira saudosista. “Costumo dizer que sou transmontana roxa, porque onde está a cultura portuguesa lá eu estou”, afirma, com o sotaque português que fez questão de conservar.

“Somos tipo família, a gente pode falar mal de português, mas não gostamos que ninguém fale.” Isabel Botelho, 58 anos.

Nesta noite de celebração, Tereza se emociona ao tirar uma foto ao lado da bandeira de Portugal. Dança como quem não se cansa, ao som de “Uma Casa Portuguesa”, música de Amália Rodrigues, e participa da pisa das uvas, desejando que aquele momento nostálgico não acabe. Mas a noite chega ao fim. Passam-se duas semanas, é dia 28 de março. Tereza assiste ao jogo de Portugal e México na disputa por uma vaga no torneio olímpico de futebol. Como de costume, reza para que seu time vença. Para sua alegria, o placar encerra-se em 4-0 para os lusitanos. Ao lado da TV, há um altar com uma imagem de Nossa Senhora de Fátima que a aposentada trouxe de Portugal e, pela sala, pequenas bandeiras verdes e vermelhas usadas como decoração. A lembrança de Portugal está por toda parte. “Sou patriota, lá é minha terra mãe, acredito que nós temos de ser aquilo que somos e em Portugal é onde está a minha raiz, então é o que sou”.

Dentre os vários discos que Tereza coleciona, decide, naquela tarde, ouvir um LP que gravou aos 52 anos em homenagem a sua terra mãe e, principalmente, à pequena aldeia de Chaves. Ao som das guitarras portuguesas, sem demora ela começa a dançar no meio da sala e lembra o quanto Portugal lhe faz falta: “lá é tudo natural e com outro gosto, como as cebolas, o leite de cabra. Ah... minha vida lá era maravilhosa”, comenta, suspirando.

Mesmo envolvida o máximo que pode em questões que a façam lembrar de Portugal, no fundo, nada substitui a vontade de um dia voltar para o lugar

onde nasceu. “Se eu pudesse, eu estava em Portugal hoje. Eu sinto que tenho que estar lá. Eu tenho fé que vou comprar a casa que era da minha avó, pois quero morrer lá, porque é onde a minha árvore foi construída”, diz, acrescentado: “minha aldeia é o meu céu”.

“Se falar mal de português, o pau come!”

Armando Lopes Baptista, o “Seu Armando”, um comerciante aposentado de 72 anos, desembarcou no Brasil em 1961, no dia 22 de abril, justamente na data em que se comemora o descobrimento do país pelos portugueses. Foi só pisar em terras brasileiras para descobrir quanto ama Portugal. Embora more no Brasil há mais de meio século (55 anos), mantém viva suas raízes e seu sotaque. “Acho muito importante preservar os valores, os costumes, aquilo que se aprende da nação através da escola, da família e religião, porque isso faz a sua história”, afirma.

A casa de Armando é rica em elementos decorativos que caracterizam seu país e seu povo. Devoto de Nossa Senhora de Fátima, faz questão que esta esteja bem representada na sala de visitas, e seu maior prazer é poder sempre participar dos eventos portugueses da cidade. “Se falar mal de português, o pau come”, declara Armando, aos risos.

Estar por dentro das notícias diárias de Portugal é de suma importância para Armando, então, para não perder nada, ele acompanha o canal português por assinatura, pois cada informação é relevante.

“Meu desejo é fazer com que a cultura portuguesa se torne mais conhecida”, ressalta.

Essa não é apenas uma vontade dele. Ernesto de Lemos, 69 anos, diretor do grupo folclórico da Casa de Portugal há 33 anos e diretor da instituição, também sonha com mais espaços para eventos tradicionais portugueses, de forma que mais pessoas possam ter acesso a essa cultura. Não por um desejo megalomaniaco de transformar todos em portugueses, mas simplesmente pelo prazer que sente em poder difundir e mostrar suas raízes. “Eu me sinto muito bem podendo espalhar minha cultura e orgulhoso em apresentar minha terra”, ressalta Ernesto.

“O português é um nacionalista convicto!”

Não importa o lugar, a cultura portuguesa permanece forte, assim como a paixão pela pátria e o saudosismo –

Foto: Jefferson Rodrigues do Amaral



Armando Lopes Baptista com seu urso de pelúcia vindo de Portugal, que o acompanhou na Copa de 2014.

este sentimento tipicamente português. Para Isabel Botelho, 58 anos, co-fundadora do “Rancho Folclórico Português Pedro Homem de Mello”, quando a saudade bate à porta é difícil segurar a emoção: “muitos imigrantes, ainda que tenham uma vida boa aqui, se lembram do pãozinho de milho e da sardinha que comiam lá em Portugal, porque, embora fossem tempos difíceis, lá eram muito felizes”. Isabel acredita que todos os portugueses, sem exceção, lembram de sua terra, este é um vínculo difícil de ser quebrado.

“Mesmo que um oceano nos separe, o nacionalismo e as raízes falam mais alto. O português é um nacionalista convicto. Somos tipo família, a gente pode falar mal, mas não gostamos que ninguém fale”, destaca.

Diante de todo amor declarado a Portugal e pessoas vivendo no Brasil como se ainda estivessem lá, nos perguntamos: por que esses imigrantes tão saudosos não voltam para sua terra-mãe? Segundo Isabel, muitos portugueses não retornam, porque conseguiram se adaptar bem ao Brasil: “aqui há algo muito favorável, que é a língua”.

Há ainda aqueles que estão juntando dinheiro para voltar a viver em sua aldeia, sem preocupações, e outros que simplesmente não sentem necessidade de voltar nesse momento. Porém, de acordo com ela, uma coisa é certa: “muitos querem morrer em Portugal”.

“Sou transmontana roxa. Onde está a cultura portuguesa lá eu estou”. Tereza de Jesus de Oliveira, 74 anos.



Foto: Caroline Fernandes Santos

Tereza de Jesus na Casa de Portugal, um de seus lugares favoritos.

Uma jornada de SABORES

As influências na gastronomia brasileira de geração a geração

Falar das raízes da nossa culinária é fazer uma viagem de mais de 500 anos ao passado, remontando ao nosso processo de colonização pelos portugueses. Os alimentos trazidos por esses povos, combinados com a cultura gastronômica indígena e, mais tarde, com os alimentos e pratos típicos dos povos africanos, vindos para cá por conta do processo de escravidão, fizeram surgir a gastronomia brasileira." Sem dúvida as influências mais fortes foram a indígena, a portuguesa e a africana. Essas possuem períodos diferentes. A indígena desde sempre, a africana a partir da chegada dos escravos já no século XVI e a europeia com a expansão marítima nos séculos XV e XVI", explica a Doutoranda do curso de gastronomia da faculdade Sorbonne Nouvelle, Priscila Rosin.

Mas essa a culinária rica e diversificada, repleta de opções de ingredientes e sabores não resulta apenas das influências dos portugueses, índios e africanos. "Temos também a influência italiana, alemã, árabe, japonesa, espanhola, grega e a francesa que, por sinal, foi a mais presente no Rio de Janeiro no final do século 19, início

do 20. "Todas contribuíram para estruturar e estabelecer a gastronomia brasileira nos dias de hoje, mantendo as características próprias de cada região", explica a professora. Segundo a docente, alimentos como arroz, feijão, milho, tomate e diversas carnes que costumamos preparar hoje não são genuinamente brasileiros. Eles foram trazidos para nosso país e acabaram incorporados em nossa culinária.

Pouca gente sabe mas o arroz foi, provavelmente, a primeira planta cultivada na Ásia. Os registros mais antigos encontrados sobre o cereal aparecem na literatura chinesa há cerca de 5 mil anos. O sudeste da Ásia é apontado como seu local de origem, especificamente as províncias indianas de Bengala, Assam e Miamar, onde se conta com a maior variedade de tipos de arroz. Já o percurso do feijão, antes de compor a parceria célebre da culinária nacional, foi bem diferente. Tipos selvagens foram encontrados no México e datados de cerca de 7000 a.C., o que gerou a hipótese de que o feijão teria se disseminado dali para toda a América do Sul. Por outro lado, achados arqueológicos ainda mais antigos, de cerca de 10.000 a.C., revelaram feijões cultivados na América do Sul, no sítio arqueológico de Guitarrero, no Peru.

Outras influências

Em "A História da Alimentação no Brasil", Câmara Cascudo, o maior historiador sobre o tema, faz um apanhado das várias culturas que fizeram parte da formação da culinária brasileira destaca, de forma positiva, essas influências. "Trouxeram para a culinária nacional o gosto das massas de farinha de trigo, com os molhos espessos e condimentados, resistindo às seduções da pimenta, e teimando no

azeite doce e banha de porco contra o dendê e o leite de coco."

Globalização gastronômica

As influências de diversos países em nossa culinária fez com que ela se configure, hoje, como um mosaico de culturas orientais e ocidentais, concretizando uma "globalização" no campo gastronômico.

"A culinária brasileira tem pontos muito particulares e, ao mesmo tempo, tem muita herança de outras nacionalidades. Um ingrediente que me surpreendeu e que acabei incorporando no cardápio, por exemplo, foi o cumaru, que é a semente de uma árvore, que coloco na sobremesa. É só usar a criatividade", explica o chef de cozinha e apresentador do programa de televisão Masterchef, Henrique Fogaça.

O chef destaca que o prato que faz mais sucesso em seu restaurante, o Sal Gastronomia, é o atum que vem com crosta de gergelim ao molho teryaki, arroz negro, pupunha e tomate. "Esse é um prato que é composto por ingredientes singulares, que traduzem bem a diversidade da nossa cozinha".

Várias comidas que temos aqui no Ocidente são oriundas do Oriente. Aqui no Brasil temos o cuscuz paulista que é feito com a farinha de milho, esse cuscuz é

oriundo do cuscuz libanês que é feito com sêmolos de trigo. "Os primeiros imigrantes árabes trouxeram um estoque de sêmolos de trigo para o preparo, mas quando acabou tiveram que buscar algo parecido e encontraram a farinha de milho. O cuscuz é um exemplo de herança árabe, "Temos também o arroz e alguns doces", afirma Samir Cauerk Moysés, Chef e dono do restaurante Folha de Uva, localizado em São Paulo e escritor do livro "Do Oriente para o Ocidente".

Mandioca

A mandioca é um alimento fundamental na alimentação brasileira, que foi trazida pelos tupi guarani. No geral, foi trazida da Amazônia para a região do Paraguai, Mato Grosso e se transformou num alimento fundamental na região. "Já naquele início de colonização os padres jesuítas escreviam em cartas, como Anchieta e Nóbrega, dizendo "O biju de mandioca é muito mais gostoso que o nosso pão de trigo", afirma o historiador, professor e coordenador do Centro de Pesquisas em Gastro-

"A identidade gastronômica do Brasil é a identidade de uma miscigenação bem temperada."
Ricardo Maranhão

"Uma vez que você tem contato com a gastronomia, ela consegue abrir novos horizontes para que se entenda um determinado país."
Klaus Vidrik



Alimentos do mercado municipal



Carpaccio de tubarão: prato "exótico".

nomia Brasileira, Ricardo Maranhão: O professor destaca que muitos ingredientes que pensamos ser tí-

picos do Brasil têm outra nacionalidade. A identidade gastronômica do Brasil é a identidade de uma mis-

cigenação bem temperada”, acrescenta o historiador.

Culinária exótica em SÃO PAULO

Cansado após um dia exaustivo no trabalho? Que tal uma bebida refrescante feita com morango, mel, aceto balsâmico, iogurte, guaraná e flor de lavanda? Aceto balsâmico?? Flor de lavanda??? Parece estranho, não é? Esse e outros drinks e pratos estrangeiros pouco conhecidos da nossa gastronomia podem ser encontrados em algumas das opções de restaurantes exóticos da cidade de São Paulo.

Os frequentadores desses estabelecimentos desfrutam dessas “iguarias” com a mesma naturalidade com que se deliciam do nosso famoso “arroz com feijão”.

A diversidade cultural e étnica da capital paulista também é refletida na gastronomia. São Paulo é uma das cidades do país com mais opções de restaurantes exóticos, que exploram culinárias de diferentes países. Segundo o especialista e professor de tecnologia em gastronomia do Senac, Klaus Vidrik, os pratos diferentes e considerados bizarros, do ponto de vista dos brasileiros, são importantes por facilitarem um acesso a outras

culturas, o que só aconteceria através de viagens internacionais.

Esses pratos acabam sendo uma alternativa para os estrangeiros que visitam ou trabalham no Brasil e não se acostumaram com a nossa culinária. É uma maneira de fazê-los reviver costumes de seus cotidianos.

“Uma vez que você tem contato com a gastronomia, ela consegue abrir novos horizontes para que se entenda um determinado país”, afirma.

Sentindo na pele

O restaurante Tantra, por exemplo, é especializado na culinária mongol. Uma curiosidade é o método de apresentar e preparar a comida no restaurante no estilo de um guerreiro mongol, despertando o interesse nos clientes, de uma forma divertida.

O cardápio, a princípio, parece como o de qualquer outro restaurante, mas, se você for mais atento, perceberá que cada item tem uma particularidade. Como o primeiro prato que experimentamos: o

carpaccio de tubarão. Já se imaginou comendo a carne de um dos maiores predadores do oceano? Nós não.

Marinado no shoyu com óleo de gergelim, limão, pimenta e manga na cama de rúcula e em colheres de porcelana, o carpaccio de tubarão foi servido desta maneira em nossa mesa. Cortada em cubos, a carne do animal tem uma textura lisa e macia. O sabor é semelhante ao de outros peixes, como a truta, e é possível sentir um acentuado gosto de shoyu e pimenta.

Para acompanhar o carpaccio de tubarão, escolhemos o Strawberry lassi, o drink citado no começo dessa reportagem. Trata-se de uma bebida muito popular e considerada sagrada na Índia.

Os banheiros do Tantra são suspensos e lembram a aparência de uma casa na árvore, o que foi motivo de riso e curiosidade por parte da nossa equipe de reportagem, que lançou o desafio: quem vai ter coragem de utilizar o toilete à moda Tarzan. E aí? Você toparia?

por Marjorie Slivinski e Thaynara Moretti

REFÚGIO

A possibilidade de um final feliz

Omana Kasongo Ngandu Petench, 50 anos, refugiado da República Democrática do Congo



“Desde criança me perguntava por que mulheres e crianças têm tantas dificuldades? Quando fui para a França fazer o meu mestrado, enxerguei os problemas do meu país. Eu morava na província de Nord-Kivu, o lugar onde todas as guerras do país acontecem. O Congo é um país muito rico em recursos naturais, mas a população é muito pobre. A classe política tem o poder e abusa dele”, declara Omana Kasongo Ngandu Petench, refugiado do Congo. Com a intenção de melhorar as condições para as mulheres e crianças de seu país, criou uma ONG, em 2004, *Action Urgence d’Utilité Publique* (Ação Urgência de Utilidade Pública). Por conta disso, muitas vezes foi detido pelo governo.

Em 2012, houve um massacre próximo à cidade onde morava em que o governo assassinou por volta de 25 mulheres e 30 crianças. Todo o povo da região se uniu para uma grande manifestação e Omana se tornou o líder do movimento: “Foi a primeira vez que eu vi a população agindo”. Por consequência disso, ele foi levado à prisão, mas isso não o desmotivou. “Se você me prender como ladrão, é vergonhoso, mas se você me prender como líder que defende os direitos humanos, Deus irá me ajudar”, acrescentou Omana. Algumas horas depois, foi solto graças a uma manifestação protagonizada por mulheres.

Naquela noite, Omana ouviu um barulho, olhou pela janela e viu aproximadamente 30 militares. Neste mo-

mento, pediu para que a família fugisse por uma passagem nos fundos. Ao abrir a porta foi retido, espancado e levado com outros reféns para uma clareira perto da fronteira da Uganda. Lá, um dos militares o reconheceu: “Ele começou a conversar comigo: ‘Professor, você deu aula pra minha irmã. Vamos matar todo mundo que você vê aqui’. Esse jovem soldado disse que iria me ajudar e que íamos fugir”, conta.

Os reféns foram separados em grupos. Enquanto um deles foi levado para a execução, dois militares ficaram com o grupo de Omana. Houve uma discussão, quando um deles atirou no outro e nos reféns. “Eu vi três ou quatro pessoas caindo, mas depois não lembro de nada. Até hoje não sei o que aconteceu. Não sei quanto tempo depois eu abri os olhos. Havia muito sangue e muitos corpos, uma pessoa gritando por ajuda. Um homem estava ao meu lado, sua barriga estava aberta. Nesse momento, algo me disse que eu deveria ajudá-lo. Coloquei suas vísceras de volta e amarrei com sua roupa. O que eu não sabia, é que aquele era o meu próprio intestino, se soubesse eu estaria morto. Eu achei que havia ajudado

“Se você me prender como ladrão, é vergonhoso, mas se você me prender como líder que defende os direitos humanos, Deus irá me ajudar”
Omana Petench

outra pessoa”, relata Omana.

O jovem soldado o encontrou no meio dos corpos: “Eu pedi ajuda, fiquei de pé e ele perguntou se eu estava bem e apenas disse para irmos embora”, completa. Perto da fronteira da Uganda, Omana se deu conta do ferimento e desmaiou. Acordou em um hospital, onde ficou em coma por dois dias. Quando se recuperou foi levado para Kampala, na Uganda, onde conheceu a brasileira que o ajudou a vir para o Brasil.

Omana chegou em São Paulo em junho de 2013 e com ajuda de um amigo e da ONG ADUS (Instituto de Reintegração do Refugiado), começou a reestruturar sua vida. “Hoje eu dou aula de francês, suaíli, cultura africana e também de gastronomia. Também criei uma ONG, chamada LFCAB – Língua Francesa e Cultura Africana no Brasil”, afirma Omana.

Quando foi sequestrado, sua esposa e cinco de seus filhos conseguiram fugir. Sua filha de 15 anos, não estava em casa e foi assassinada pelo governo congolês. Eles fugiram para a Uganda, onde encontraram refúgio. Somente depois de oito meses no Brasil, Omana encontrou sua esposa no Facebook e descobriu o paradeiro de sua família.

Refugiados no Brasil e no mundo

Segundo relatório da Agência das Nações Unidas para

Refugiados (ACNUR), até dezembro de 2014, havia 59,5 milhões de pessoas deslocadas forçadamente de seus países, destas, 19,5 milhões refugiadas. A Síria é o país com a maior quantidade, 3,8 milhões, quase 20% da população. Seguido do Afeganistão e Somália; por conflitos como violação de direitos humanos, desastres naturais, perseguição religiosa, perseguição política, entre outros.

Segundo dados do relatório divulgado no dia 10 de maio de 2016 pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), houve um aumento de 127% do número total de refugiados reconhecidos no Brasil. Em 2010, a quantidade era de 4,2 mil, hoje subiu para 8,8 mil, sendo São Paulo a cidade mais procurada. Os refugiados são em sua maior parte sírios, seguidos de angolanos, colombianos, congoleses e palestinos.

Apesar de o Brasil ser um país acolhedor, o refugiado encontra alguns obstáculos, como a língua e cultura, dificuldade em obter um emprego, serviços públicos de saúde e moradia. Uma das principais ONGs que o auxilia no Brasil é o ADUS (Instituto de Reintegração do Refugiado). Criado em 2010, por Marcelo Haydu, o ADUS tem como objetivo promover a integração social dos refugiados no país. “O processo de integração local é aquele que possibilita integração plena, efetiva. Ou seja, que permite que a pessoa seja um cidadão da nação em que buscou refúgio”, explica Haydu.



Marah Khamis, 23 anos, refugiada da Síria

Marah e sua família moravam no interior de Damasco, mas devido à destruição foram obrigados a se mudar para o centro. “Um dia uma bomba caiu muito perto de nós, uma de minhas irmãs ficou em choque durante um dia inteiro”, conta.

No dia 12 de outubro de 2012, a família deixou a Síria e partiu para o Egito, onde moraram por dois anos. Não conseguiram documentação, então não podiam traba-

lhar, foram novamente obrigados a se mudar. Marah conta que de todos os países que tentaram o visto, apenas o Brasil aceitou: “A gente perguntou, perguntou e ninguém



“Eu agradeço ao Brasil que me ajuda muito. Eu sou muito feliz”.
Omana Petench

nos aceitava, ninguém da Europa e nenhum país árabe dá visto para a gente”. Chegaram a São Paulo no início de 2014, onde foram informados sobre uma mesquita em Guarulhos que recebia refugiados. Quando chegaram, foram alojados em uma casa com outra família. Hoje, faz um ano que eles têm um apartamento próprio. No Brasil, Marah conheceu seu marido, também refugiado da Síria, e no final do ano passado o casal teve seu primeiro filho. Mais tarde, abriram um restaurante também em Guarulhos.

Marah diz que nunca pensou em vir para o país: “A gente já começou a vida aqui. Eu gosto muito do Brasil”. Ela chegou a estudar três anos de farmácia na Síria e pretende finalizar o curso no Brasil. “Eu tentei ano passado entrar pela USP, mas não consegui. Vou tentar esse ano de novo”, afirma.

Em 2015, ela criou uma página no Facebook para ajudar refugiados, “Esperança refugiados sírios no Brasil”. “Falei pra minha família que eu iria ajudar essas pessoas, porque eu já passei por isso”, declara. Dessa forma, arrecadou muitas doações e chegou a ajudar mais de 60 famílias. Além de distribuir doações mensalmente, também auxilia na chegada e adaptação dos refugiados, como documentação, matrículas escolares e procura de emprego.

O começo de um final feliz

Além do trabalho das ONGs, algumas pessoas agem por conta própria, como é o caso de Ingrid Pacheco. Ela conheceu uma moradora de sua região que ajuda o grupo de refugiados de Guarulhos e entrega as doações diretamente para Marah. Logo se interessou e começou a ajudar: “Ela postou ano passado que precisava trazer uma família para o Brasil, porque se não trouxesse, os pais e os filhos iam ter que ir pra guerra. Caso não fossem iriam presos, deixando a mulher e os filhos desamparados. E aí, eu pensei ‘será que não dá pra trazer com milhas?’ E no final a gente conseguiu trazer não só essa família, como mais uma”, explica Ingrid.

Uma das famílias que ela ajudou foi a de Omana: “O conheci quando curti a página da ADUS no Facebook, e apareceu a história dele, entrei em contato e resolvi ajudar”, conta. Ela conseguiu juntar milhas suficientes para três passagens, um outro amigo de Omana comprou as outras três. Sua família chegou a São Paulo no dia 10 de abril. Com auxílio de seus amigos, Omana conseguiu uma casa para morar, hoje seus filhos voltaram a estudar e aos poucos aprendem o português. “Eu estou muito feliz. O sonho virou realidade, o sol nasceu agora. Mas eu tenho muita dor no meu coração quando eu me lembro das crianças que deixei no Congo por causa da minha luta. Agora vou formar meus filhos aqui pra eles voltarem pro Congo e ajudar esse grande grupo que eu deixei lá. Eu agradeço ao Brasil que me ajuda muito. Eu sou muito feliz”.



Jornalista peruana diz ser “ESTRANGEIRA PRIVILEGIADA”

Vencedora do Comunique-se e indicada ao Troféu Mulher Imprensa, Verónica Goyzueta tem bar tradicional em SP e famoso site

S em nunca ter sido funcionária fixa em uma empresa brasileira, Verónica Goyzueta, peruana, correspondente internacional do jornal espanhol ABC e professora na ESPM, está há 24 anos no país. Verónica também é sócia do Tubaína Bar, um famoso bar paulistano que abriga uma parede repleta de fotos, cuja proposta é ter como referência uma casa de família. Recentemente, ela inaugurou o portal Brasil China Report, plataforma que faz um intercâmbio de informações entre os dois países. Além disso, esteve recentemente entre as finalistas do Troféu Mulher Imprensa, na categoria de correspondente estrangeira residente no Brasil. Com um currículo tão recheado e especial, ela nos conta sobre o início de sua trajetória, as dificuldades da profissão e os desafios de ser correspondente em um país desconhecido. Confira!

“Quando você sai do seu conforto, você fica muito melhor como pessoa”.

O: Você está há 24 anos no Brasil. Conte como foi a sua chegada.

VG: Eu vim sozinha, já tinha parentes aqui no Brasil, por isso não me senti uma órfã. Passei quatro anos em Brasília e vim pra São Paulo, mas tinha uma imagem negativa da cidade. Até que comecei a conhecer pessoas, fazer amigos. Recomendo às pessoas que elas saiam por um tempo de seu lar e que vão para qualquer lugar, não precisa nem ser outro país. Quando você sai do seu conforto, você fica muito melhor como pessoa.

O: Quais as principais dificuldades em ser estrangeira?

VG: Posso dizer que sou uma estrangeira privilegiada, aonde vou sou sempre bem recebida, não tenho ne-

nhuma dificuldade. Sou muito próxima da comunidade peruana que tem aqui, e sempre procuro apoiar os recém-chegados, pois passam por alguns obstáculos. No começo do século passado, havia uma maior aceitação com os imigrantes. Depois, isso se fechou com a ditadura, e eu sinto que isso ainda é muito vivo.

O: Conte um pouco sobre a proposta do site Brasil China Report.

VG: Pelo número de visitas que temos, percebo que realmente achamos o nicho de alguma coisa. A gente tenta mostrar coisas que você não vai achar na imprensa comum. É um conteúdo que não tinha antes.

O: Acredita que o jornalismo correspondente está comprometido, devido à alta tecnologia?

VG: Não acredito. Como correspondente, tenho uma série de vivências que qualquer pessoa que estiver do outro lado do mundo não vai ter. Não adianta a pessoa entrar no Wikipédia, pesquisar sobre o Temer, por exemplo, e dizer que conhece. Eu conheço os personagens da política brasileira, a reação deles em determinadas situações e seus históricos.

O: Além da indicação ao Troféu Mulher Imprensa, você já ganhou o Prêmio Comunique-se como melhor correspondente estrangeira no Brasil em 2005. Os títulos funcionam como um incentivo para continuar no país e na profissão?

VG: Com certeza! Acho que esses prêmios mostram que ser correspondente ainda vale muito a pena.



SENTIMENTO DE ESTRANGEIRO

São Paulo, sem dúvida, é o maior exemplo da miscigenação que temos em nosso país. Professores, taxistas, médicos, cozinheiros entre tantas outras profissões são compostas por cidadãos que não nasceram aqui, no entanto é nesta cidade que depositaram suas expectativas em melhorias e, de maneira utópica, sua felicidade.

No dicionário da língua portuguesa, “acolher” significa modo de receber ou maneira de ser recebida, consideração ou hospedagem, além de ser um lugar que transmite segurança. Estes são significados que pessoas migrantes de outro Estado, muitas vezes, não têm em São Paulo.

O sentimento de estrangeiro de uma pessoa brasileira, na capital paulistana, não se diferencia de outra que veio de um determinado país. Nosso ritmo, nossa indiferença e, aliás, nossos pré-conceitos acaba por nos caracterizar de maneira negativa diante do outro.

Ao conversar com um gaúcho, uma carioca e um paraense é notório identificar inquietações muito similares no convívio em São Paulo. Quem dera esta capital cosmopolita pudesse traduzir em ações, versos simples da composição de Caetano Veloso em “Sampa” quando diz “Quem vem de outro sonho feliz de cidade/ Aprende depressa a chamar-te de realidade/ Porque és o avesso, do avesso, do avesso”.

PERSONAGEM: Vanessa Duarte - Psicopedagoga - Nascida em Minas Gerais e criada no Rio de Janeiro



Crédito: Gigi Pavanello

Vanessa Duarte uma psicopedagoga que estimula seus alunos a alcançarem, sozinhos, respostas sobre diversas questões que suas cabecinhas hiperativas insistem questionar. Com uma alegria contagiante, torna a sala de aula um lugar desejado pelos seus pequeninos alunos do 5º ano do ensino fundamental da rede privada de ensino.

Educando há 15 anos, hoje vê-se obrigada a aprender a conviver em uma cidade que, para ela, foge da educação fluminense em que cresceu. “Aqui os vizinhos não te cumprimentam, no Rio o bom dia já é rindo ‘E aí? Beleza?’”

“Tenho uma sensação de perda em São Paulo, mas já estou melhor aqui”. Deixar pra trás uma paisagem natural e pela claustrofóbica capital paulistana é uma questão de tempo para adaptar-se.

Olhar pra trás é com ver, com saudade, um álbum de fotos antigas “Não posso reclamar de uma cidade que me acolheu, mas sinto falta do Rio, deixei meus filhos e um neto lá”.

A miscigenação se encontra com facilidade e conforto na cozinha de um lar, para Vanessa cozinhar é materializar em cheiros, gostos e prazeres o ambiente que acolhe sua alma. “Minha comida é ‘mineroca’, como nasci em Minas e cresci no Rio misturo tudo”.



PERSONAGEM: Rogério Carneiro - Cozinheiro - Belém do Pará

O cozinheiro Rogério Carneiro que costuma misturar sabores, cheiros e iguarias hoje se adapta com o caldeirão étnico que São Paulo abriga. “É como se tu tivesse de passagem por um lugar que tu gosta, mas é como umas férias”

“Essa ‘mixture’ me agrada muito, aqui eu não sou o único. Quando tu pega um taxi quem conduz é um nordestino, e eu não me sinto sozinho”

Nada mais democrático que uma cozinha, lugar onde compartilhamos ideias, culturas e sentimento. A arte de cozinhar para alguém desacelera a frenética capital paulistana e acolhe, seja quem for. “Comer é cultural, sinto falta do açaí, tacacá, cupuaçu, das especiarias e do acesso fácil aos frutos do mar, lembro da minha mãe”



Crédito: Gigi Pavanello



PERSONAGEM: Diego Vitello - Metroviário - Gaúcho de Porto Alegre



Crédito: Gigi Pavanello

Gaúcho em São Paulo acaba se tornando fonte inesgotável de piada, para o torcedor do Internacional Diego Vitello “Tem certas coisas que prefiro nem comentar”.

O ditado seja você a mudança que quer ver no mundo nunca fez tanto sentido, visto que foi em prol de melhorias sociais que Diego veio para São Paulo.

O tamanho de São Paulo muitas vezes acua as pessoas e nessas horas nada melhor que nos restringirmos ao nosso cantinho, como uma forma, quem sabe, de respeitar e se sentir acolhido. “No sul somos mais reservados, tem algumas coisas que pra mim são muito ofensivas, por isso fico mais em casa”

Como um instrumento, comum em grandes capitais, pode causar tamanho desconforto? É o que sentem nossos entrevistados, quando com unanimidade queixam-se da forma como nós paulistas e paulistanos fazemos uso da escada rolante das estações de metrô.

Criada para facilitar a locomoção dos usuários, proporcionando, em média, de trinta a sessenta segundo de descanso

entre uma plataforma e outra, nós preferimos utilizá-la para chegar mais rápido, forçando àqueles que não têm pressa de manter-se a direta.

Esta aceleração, realmente assustadora, causa desconforto às pessoas que vem a passeio ou de forma definitiva para São Paulo. No entanto, com o passar do tempo contaminamos a todos com nossa pressa e anseio em controlar o tempo

e assim àqueles que buscam manter seu ritmo acabam desistindo e rendendo-se a vida frenética dessa cidade.

Abrigar pessoas de outros Estados ou Países é uma arte, e nós aprendemos muitos com esta colcha de retalhos cultural de São Paulo. Obrigada!



ESTRANGEIROS UNIDOS

POR UMA BOLA NO PÉ



Crédito: Gigi Pavanello

Torneios reúnem sete nacionalidades. Imigrantes veem o futebol como um meio de integração com a comunidade paulista

Arme, arme. No dejan pasar nada. Vamos Vamos. Que pueda, Que pueda. Essas são as frases de incentivo ouvidas à beira do Campo de Futebol na Copa Vimart. Idioma diferente? Sim, mas a emoção é a mesma dos brasileiros.

A Copa Vimart surgiu na ideia de integrar todos os imigrantes de qualquer país que vivem aqui no Brasil, originada pelo boliviano Jorge Gutierrez nos anos 2000. “Era necessário integrar, sem medir fronteiras. Regular, disciplinar e estruturar, foi o que a Copa fez”, satisfeito nos diz o fundador.

No último torneio foram nove times peruanos, quatro brasileiros, um equatoriano e o primeiro e único time de judeus. “Todos queriam ver os judeus jogarem, uma coisa linda”, alegre diz Gutierrez.

São três torneios durante o ano em São Paulo, na ci-

dade de Osasco, que duram em torno de três meses no primeiro semestre do ano.

Para o jogador Leonardo Ramon, que participou uma vez da Copa e defendeu a camisa da seleção brasileira, a experiência de jogar com estrangeiros foi ótima. “Coisa de sul americano, pique de Libertadores”, com risos nos conta. As diferenças ficam somente em campo, o respeito sempre prevalece. “No Brasil tem muito preconceito, em campo somos todos iguais”.

Os organizadores do Torneio em Osasco, Jerônimo e Hélio Quisque, já estão no Brasil há mais de 15 anos e veem no esporte uma forma de divertimento. Em campo, encontram suas raízes e promovem sua cultura. “Futebol para nós é uma diversão, o esporte é assim no mundo inteiro. Juntar nossos colegas, Hermanos e patriotas. Quando nos encontramos nos sentimos satisfei-

Quando veio da Bolívia para o Brasil realizar um tratamento fisioterapêutico devido a uma lesão, em 1986, Jorge Gutierrez, 60, não pretendia ser o criador de um dos principais torneios de imigrantes no país.

Aqui, Gutierrez iniciou a carreira profissional como costureiro.

Hoje, sua renda vem da atuação na área da saúde.

Em 2000, criou a Copa Vimart para proporcionar interação entre os estrangeiros no país. O nome surgiu três anos depois, para homenagear a esposa Vitória Marlene Torres, que morreu no mesmo ano que seu filho.



Jorge Gutierrez, idealizador do Copa Vimart

Crédito: Gigi Pavanello

tos.” enfatiza Hélio. “Nós gostamos de trazer jovens, descobrir talentos, praticar o futebol. O esporte é uma das melhores coisas que existem, com ele chegamos longe”, conclui Jerônimo.

Todos os fins de semana a comunidade recebe com amor os jogadores. Para o morador Firmino Pereira, a beleza do futebol praticado e o respeito que demonstram, os fazem ser bem vindos naquele lugar. “Nunca teve nenhum problema ou encrenca, eles jogam, terminam o jogo, pegam o carro e vão embora. Eles dão exemplos de respeito. Para mim podem ficar 300 anos”, declara com felicidade.

“No Brasil tem muito preconceito, no campo somos todos iguais”
Leonardo Ramon

Luana Ferreira trabalha no bar em frente ao campo onde as partidas acontecem, e vê com positivismo a presença deles. “Eles trazem a harmonia, são respeitosos.” Além de aumentar o movimento no estabeleci-

mento.

Um fato curioso são as esposas na torcida que incentivam os maridos a jogarem bem. Jossa Magne entende que é uma forma de lazer, pois trabalha em confecções diariamente e aos finais de semana aproveita um bom futebol.

O marido de Jossa, o jogador Sérgio Lossa, vê o futebol como forma de divertimento onde descansam e veem os amigos. Ele é defensor de um time da Bolívia na Copa, não poupa palpites para o campeão do torneio. “Vamos ser campeões”.

A Copa Vimart cresce a cada dia, assim como o número de imigrantes sul americanos no Brasil. A prática do esporte é vista como um meio de permanecer unidos, mesmo distantes de seu países. A união dos jogadores foi a maneira que encontraram para dar um novo significado a palavra “estrangeiros”. Passou então a significar “integração”, fazer parte, completar uma nação.

Colaborou nesta matéria: **Gigi Pavanello**



Esposa e filha prestigiam o jogador Sérgio Lossa em Osasco-SP

Crédito: Gigi Pavanello

Complexo de vira-lata:

A falta de fé do brasileiro em si mesmo

Perceber as raízes e consequências do viralatismo é necessário para que sejamos vacinados contra essa doença que desvaloriza o que possuímos de melhor

– Sabe, Arthur, tem uma peça de teatro que vi em Nova Iorque, que deixa qualquer montagem brasileira no chinelo.
- É claro, Carol! Na Europa sim há cultura de verdade. O Brasil deixa muito a desejar.

O diálogo é imaginário, mas muitos brasileiros não pensariam duas vezes em concordar com ele. É comum acharmos que a cultura e os hábitos que vêm de fora são melhores do que os nossos.

Em 1950, o jornalista e escritor brasileiro Nelson Rodrigues já chamava a atenção para o que apelidou de “complexo de vira-lata”, um problema que parece intrínseco em nossa sociedade. O termo surgiu depois da derrota que o Brasil sofreu para o Uruguai na Copa do Mundo daquele ano. Trata-se da inferioridade que o povo brasileiro costuma sentir em relação a outros países, tidos, para muitos, como mais desenvolvidos.

Esther Solano é espanhola e atualmente mora no Brasil. Mestre e doutora em Ciências Sociais pela Universidad Complutense

de Madrid e professora do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), ela afirma que o brasileiro tem a ideia de que tudo que acontece aqui é negativo. Em contrapartida, tem um olhar utópico para o resto do mundo. “A Europa e os Estados Unidos costumam ser vistos como lugares paradisíacos. É um olhar muito simplificado e reducionista da realidade, que coloca o Brasil como se fosse o inferno dos infernos e onde nada dá certo”, explica a docente.

O complexo de vira-lata pode ser reconhecido em vários âmbitos da nossa sociedade, como nas artes, política, economia e até na mídia.

O elevado número de compartilhamentos nas redes sociais, em meados de fevereiro de 2016, do texto “Uma Carta Aberta ao Brasil”, escrito pelo estadunidense Mark Manson, evidenciou essa situação. Dentre outras coisas, o artigo destaca que a causa dos problemas do Brasil é o próprio brasileiro que, com seu famoso “jeitinho”, faz com que a nação não evolua. O



texto traz clichês, típicos de quem não conhece a fundo o Brasil, mas mesmo assim muitos brasileiros concordaram com o ponto de vista do autor que é, inclusive, escritor de livros de autoajuda.

O nascimento do vira-lata

As raízes desse complexo e suas consequências vão muito além de um “textão” no Facebook. Para compreendê-lo, é necessário avaliar o conturbado processo de formação da nossa sociedade, marcado por uma cultura de subserviência a uma pequena elite detentora do poder político e econômico.

Logo após a independência do Brasil, em 1822, o país foi obrigado pela Inglaterra a assinar diversos documentos para ter o movimento legitimado. Esses tratados tornaram nossa política econômica totalmente dependente da Grã-Bretanha. Já naquela época, era comum o rico viajar à Europa para estudar e até mesmo as construções de parques e bairros brasileiros copiarem os moldes europeus.

De acordo com Luís Gabriel, que é mestre em História Social pela

PUC/SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), depois da Guerra Fria aconteceu um novo colonialismo ideológico e cultural no Brasil. Os Estados Unidos lançaram o imperialismo, visando vender seus costumes e modo de vida para ampliar a influência norte-americana no país.

“Foi a partir dos anos 40 e, principalmente, desde a consolidação de uma sociedade de massa no Brasil, que se criou uma perspectiva cada vez mais rigorosa de tentar colocar a cultura brasileira a reboque de um novo estilo de vida e percepção cultural, que é a estadunidense”, explica o historiador. Assim, começamos a consumir cada vez mais produtos típicos da cultura americana, palavras em inglês passaram a fazer parte do nosso dialeto e o sonho de conhecer a Disney tornou-se um ideal para muitas pessoas.

“Sobretudo, culturalmente, temos o Brasil colonizado pelos portugueses e depois o Brasil colonizado pelos Estados Unidos. É aquele modelo de que o que vem dos americanos tem que ser seguido, como se fosse um espelho que devemos copiar”, ressalta Esther.

A especialista em Relações Internacionais lembra, por exemplo, da fascinação que parte da sociedade brasileira tem em viajar para cidades como Miami e Orlando: “o que tem em Miami e Orlando de interessante? As elites do país, em vez de enxergarem isso como uma colonização cultural dos Estados Unidos, veem essas viagens como uma forma de status”.

O problema de “ser vira-lata”

As consequências do complexo do vira-lata são profundas. Para o professor Luís Gabriel, o sentimento de

inferioridade é a pior delas: “se esse elemento se materializa e se reverbera por toda a sociedade, ganha força um sentimento de que somos subalternos, subdesenvolvidos”.

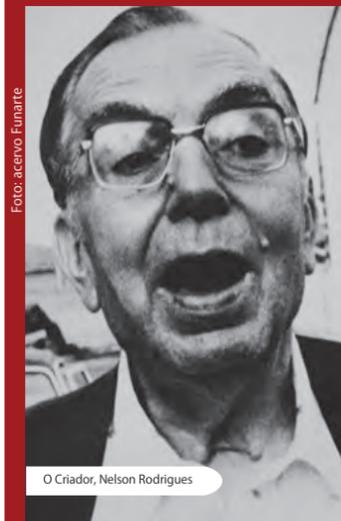
Esther Solano avaliza a opinião do historiador, acrescentando que esse pensamento serve bem às classes detentoras do poder. “É como se fosse um instrumento das elites para controlar a população, porque quando você tem uma sociedade alienada, que acredita, sem questionar, que o país está fadado à mediocridade e nunca vai sair do lugar, ninguém realmente se esforça para mudar nada. A população permanece em estado de sonolência”, explica a professora.

Enquanto uma parte da sociedade brasileira continua se autodepreciando, diversos estrangeiros que conhecem o Brasil apontam pontos positivos. O estudante norte-americano Kevin Rodrigues, que atualmente vive em São Paulo, conta que já conheceu muitos brasileiros que o questionaram com a pergunta: “o que você está fazendo aqui?” Rodrigues salienta que seu país de origem também tem diversos problemas. “Muitos brasileiros pensam que os Estados Unidos têm mais do que o Brasil tem, que a cultura e o jeito de viver são superiores, mas eu não acredito nisso. Todo lugar possui seus pontos fortes e fracos, vantagens e desvantagens. Se você assistir aos noticiários dos Estados Unidos, irá se surpreender”, diz.

O vira-lata na cultura e na arte

A cultura brasileira é resultado das tradições e costumes de diversos povos. Influenciada por indígenas, europeus e africanos, nossa cultura é rica e bastante criativa, com estilos

O COMPLEXO DE VIRA-LATA



O Criador, Nelson Rodrigues

O CRIADOR

Nelson Falcão Rodrigues nasceu em Recife no dia 23 de agosto de 1912. Foi um jornalista e escritor brasileiro, conhecido como grande dramaturgo.

A CRIATURA

A expressão foi criada pelo escritor em um texto para a revista esportiva Manchete, no dia 31 de maio de 1958.

Em seu texto, ele diz: “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. [...] Eu vos digo: o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo”.

Foto: Miréia Lima



Luís Gabriel, doutor em ciências sociais e mestre em história.

e tendências para todos os gostos.

Josué Veloso é o CEO da página do Facebook “Brasileiríssimos”, que busca valorizar as várias manifestações artísticas do país e conta hoje com mais de 7 milhões de seguidores. “Tentamos passar para as pessoas que cultura não é só o que você gosta”, explica ele. “Cultura é a manifestação de uma classe, de um grupo. Com a página, temos a missão de representar cada um desses grupos

do jeito que podemos, porque não há como abordar a cultura brasileira de forma homogênea”, diz Veloso.

Mas a “Brasileiríssimos” é exceção. A maioria dos veículos tradicionais, como rádios e canais de televisão, poucas vezes mostra a complexidade da nossa cultura, focando sua divulgação no que os sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer chamam de “produtos da indústria cultural”, ou seja, músicas, filmes e outras formas de arte especialmente criadas para gerar lucro, marcadas pela superficialidade e pela padronização. “Há sim uma tentativa, que não é ingênua, e faz parte da indústria, de criar uma mediocridade cultural”, destaca Luís Gabriel. Ele complementa: “as nossas rádios, principalmente as voltadas para grande massa e para o público jovem, acabam selecionando uma música estadunidense de baixa qualidade”. Isso faz com que o público se acostume com que vem

de fora e não dê importância à própria manifestação musical autêntica, copiando padrões e ritmos”.

Já no cinema, desde o começo do século 20 a indústria norte-americana tem grande peso no nosso mercado, dificultando a produção nacional. De acordo com o portal Adoro Cinema, em 2015, dos 10 filmes com maior bilheteria nos cinemas do Brasil apenas um era nacional.

Além deste empecilho, a sétima arte é atualmente uma indústria que rende bilhões de dólares, e os donos das salas de cinema de maior sucesso reproduzem o que vende mais, tornando o acesso a outros tipos de filme mais complicado. “Quicá pudéssemos ter acesso ao cinema japonês, iraniano ou russo. Os nossos shoppings, em quase todas as salas, nos impõem um tipo de cinema, o hollywoodiano, no qual o roteiro é sempre o mesmo, sem variações”, lamenta Luís Gabriel.

O cineasta e professor de ci-

nema da Universidade de São Paulo (USP), Roberto Moreira, defende que não é a nacionalidade do filme, mas sim seu gênero que define a preferência do público. “Todas as pesquisas sobre as expectativas do público com o cinema em geral, brasileiro ou estrangeiro, mostram que o espectador está interessado em duas coisas: ação e comédia”, pondera o professor. Segundo Moreira, o público não costuma ir ao cinema para assistir a um drama, mesmo quando o filme é americano. “Drama ele assiste na televisão. Você não precisa do aparato de uma sala cinematográfica pra assistir um drama”, argumenta.

Como deixar o vira-lata para trás

Para Luís Gabriel, o investimento na nossa cultura pelo setor público é uma das saídas para invertermos o quadro do “viralatismo”. “O Ministério da Cultura tem menos de 1% do orçamento do governo, apenas 0,04% do Orçamento da União. É necessária vontade dos governantes para investir em políticas culturais, criando, assim, um processo de democratização ao acesso cultural”.

Uma mídia mais pluralista e menos elitista também ajudaria a nação brasileira a tirar do imaginá-

rio o complexo do vira-lata. “O jornalismo brasileiro reproduz muito o viralatismo. Você pega o jornal e o tom da matéria é pessimista, o texto insinua que ninguém pode mudar nada por aqui. A mídia nunca impulsiona mudanças, e quando o faz, são mudanças boas para as elites”, explica Esther.

Vale destacar que abandonar o viralatismo não é renegar a importância e os valores dos estrangeiros que estão no nosso país ou vêm pra cá a trabalho ou a turismo. Os estrangeiros e sua cultura foram essenciais na formação da nossa sociedade.

Portanto, calma leitor! Você vai poder continuar a ouvir a Lady Gaga e planejar aquela viagem para Europa ou para Miami. Uma coisa não exclui a outra.

O importante é não absorvermos a visão simplista de que só que vem de fora é bom.

“Se queremos criar um processo de globalização, precisamos estar abertos ao intercâmbio cultural, sem que, com isso, tenhamos que jogar fora elementos que são característicos da nossa cultura. O que é propriamente nosso precisa ser valorizado, pois é o que nos diferencia. Um povo sem cultura é um povo sem identidade”, conclui Luís Gabriel.

“O viralatismo é como se fosse um instrumento de controle das elites”
Esther Solano

Uma carta que chocou o Brasil

Mark Manson é um escritor americano que causou polêmica ao veicular o texto “Uma Carta Aberta ao Brasil” em seu site, em fevereiro de 2016. Nela, enfatiza que o problema real do país não é apenas a corrupção ou a conturbação política em que vivemos, mas sim o próprio cidadão.

Um dos principais argumentos de Mark é que o brasileiro é caracterizado como superficial e egoísta, aquele que se preocupa com seus familiares e amigos, mas não no bem da sociedade como um todo.

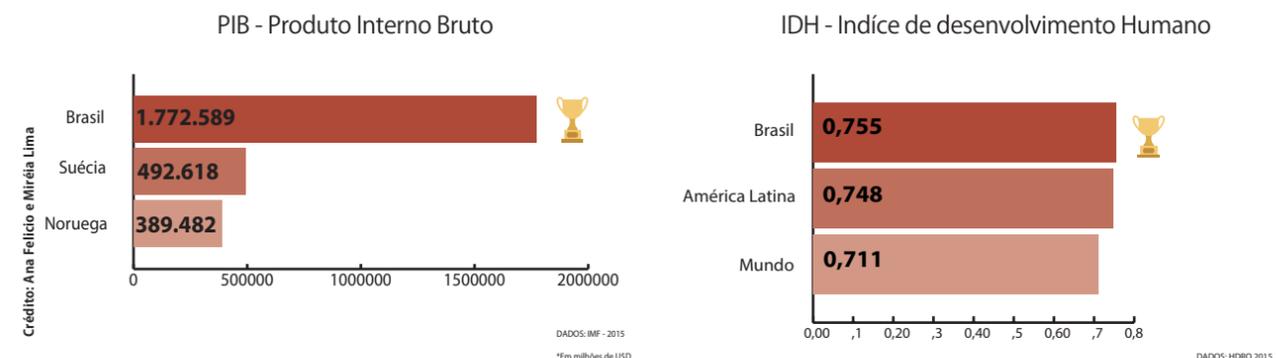
A postagem de Manson dividiu opiniões e teve muita repercussão nas redes sociais, desde pessoas que concordaram com o texto do autor até aqueles que o acharam preconceituoso e superficial. Mais de 300 mil pessoas curtiram a publicação. Em entrevista para a Revista Origens, o autor

conta que esperava respostas sobre o seu texto, mas não toda a reverberação que o assunto gerou. “Muitos brasileiros me agradeceram e me disseram que o jeito de ver as coisas mudou. O texto abordou um assunto sobre pontos importantes que eu sinto que não são abordados no Brasil”.

O estadunidense, escritor de livros de autoajuda, morou por quatro anos no país e acabou se casando com uma brasileira. Segundo ele, a formação histórica do Brasil não é um motivo para os problemas atuais “Eu acho que muitos brasileiros usam a opressão que sofreram no passado como uma desculpa para não lidarem com os problemas que têm hoje”. Para ler o texto “Uma Carta Aberta ao Brasil”, de Manson, na íntegra, acesse: http://markmanson.net/brazil_pt

O LADO BOM DO BRASIL

Dados comparativos com outros países do mundo mostram que o Brasil não é tão ruim quanto parece



PROFESSORES NA TERRA PROMETIDA

Imigrantes que vieram ao país em busca de uma vida melhor ensinam idiomas e suas diferentes realidades aos brasileiros

Na sala de uma residência na zona sul da conturbada cidade de São Paulo, Joerg Lippmann fala com um dedicado aluno em um inglês fluente. O professor, no entanto, é alemão. Assim como ele, vários outros estrangeiros no Brasil dão aulas de línguas que não são as suas nativas.

De acordo com estatísticas da Polícia Federal, o Brasil abriga 1.847.274 imigrantes. Alguns desses integram

a mão de obra assalariada do país, outros, casaram-se com brasileiras e conseguiram naturalização – se assim desejaram – e estão em busca de emprego. Apesar disso, poucos desses imigrantes lecionam

“Não é só ensinar a língua. É também ensinar a cultura e uma realidade econômica.”
Pierre Lograne



línguas, seja a sua língua nativa ou não, nas principais escolas de idiomas da capital paulista.

Em outro ponto da cidade, na região da Armênia, está o cubano Raimundo Jesus Gálvez Ruiz – conhecido como Jesus. Na pequena sala de sua casa, leciona inglês a atentos alunos, vez por outra, perdidos no espanhol galanteador do professor.

Diversos fatores são atrativos para os imigrantes no Brasil. Os de países mais ricos, geralmente, são atraídos por promessas de amor verdadeiro nas terras tupiniquins, belas praias e um clima tropical. Enquanto que, em países mais pobres, o fator de atração é a imagem de “terra prometida”, a esperança da prosperidade. Porém, nem sempre é assim.

Para Pierre Lograne, francês, professor da sua língua nativa e de inglês, os brasileiros têm a concepção de que em países ricos, não existe desemprego, não existe pobreza. Então, quando ele explica que a pobreza exis-

te em todos os lugares, eles não acreditam. “Não é só ensinar a língua. É também ensinar a cultura e uma realidade econômica.”, garante. Mais que isso, ensinar um idioma é compartilhar as lendas sobre uma realidade que não existe.

O alemão Joerg Lippmann, por exemplo, conta que sua vida não tem sido das mais fáceis no país. Por ter vindo de uma potência mundial, muitas vezes, a impressão que se tem é a de que ele leva uma vida fácil, próspera. Isso está bem distante da realidade.

Lippmann acorda todos os dias às 6h da manhã e segue de sua casa em Perdizes para a Vila Olímpia, sua principal área de atuação. Após muitas horas de aulas em residências de alunos nos mais diversos pontos da zona sul e empresas na Vila Olímpia, ele só regressa à sua casa por volta da meia noite.

Em contrapartida, o cubano Jesus leva uma vida mais tranquila, porém, não mais fácil. Jesus tem um emprego formal, na editora de um grande jornal paulista, e leciona inglês e espanhol em regiões próximas à sua casa. Aos domingos, vende mojitos e cubas libres em sua barraca na feira andina da Kantuta, na região do Canindé.

O escritor brasileiro João Guimarães Rosa afirmou, certa vez, que o universo da língua estrangeira é algo extremamente complexo. E que, para vencer esse desafio, “uma nação precisa aprender idiomas sempre com divertimento, gosto e distração”, e é dessa forma que os professores estrangeiros que ensinam línguas no país têm buscado fazer o seu trabalho: de forma atrativa e dinâmica. Seja da forma atenciosa de Lippmann, seja da forma galanteadora de Jesus, ou ainda, estimulados pela curiosidade de descobrir uma realidade diferente, como faz Lograne.

Vários outros estrangeiros no Brasil dão aulas de línguas que não são as suas nativas

ORIGENS

as histórias por trás da revista

Mais uma Origens em produção. Como nas demais edições, as aulas iniciais foram destinadas às propostas de pautas e planejamento das reportagens, com a diferença de que esta edição foi dividida entre alunos de duas turmas: o terceiro e o quinto semestres, tendo em vista a atualização da matriz curricular do curso de Jornalismo.

O tema da vez: “estrangeiros (que amamos)”; de certa forma, uma “chamada” a mergulhar nessas variadas faces da relação dos brasileiros com os estrangeiros; por um ângulo, uma relação marcada por preconceitos; por outro, uma relação de “adoração” desmedida... com a percepção recorrente, e nem sempre sutil, de que “o que não é daqui”, é melhor, na mais pontual versão do nosso chamado “viralatismo”, como abordado na matéria da página 34.

Nesse início de percurso, diversas ideias de reportagem foram surgindo e já na primeira aula, algumas pautas foram se delineando, com as divisões de grupos. Pautas entregues, o próximo passo foi o das pesquisas relacionadas às matérias e realização dos contatos para marcação de entrevistas.

E assim chegamos a esta que é, sem dúvida, a fase mais empolgante (e mais desafiadora) não só para jor-

nalistas em formação, como para jornalistas veteranos: o trabalho “de rua”, a realização das entrevistas, a captação das fotos... Ou seja, o momento em que a reportagem efetivamente “se faz”.

Nessas idas e vindas, algumas “portas fechadas” foram inevitáveis: dificuldades de agenda de entrevistados, falta de resposta de alguns, “não” literal por parte de alguns outros, dificuldades com assessorias ou na obtenção de determinadas informações... Mas o que ficou de aprendizado, sem dúvida, é o “como” lidar com imprevistos, como repensar focos, como conseguir a informação que se quer. E, nesse sentido, os “parabéns” se estendem a todos os alunos que participaram desta edição, por encararem esses desafios com comprometimento e como oportunidades de aprendizados.

E apenas para compartilhar um pouco desse cenário de bastidores com vocês, leitores, listo aqui alguns ingredientes – só os apetitosos, é claro – que fizeram parte da confecção desta edição da revista: conversas animadas, salas cheias, dúvidas, soluções, reformulações, parcerias... Um pouco de tudo isso aqui, nesse “tudo junto e misturado”, para brindar este aniversário de “edição número 5” da nossa revista Origens. Até a próxima!



Alunos Pedro e Jennifer entrevistam o padre cabo-verdiano Assis Tavares.

Créditos: Sabrina Bertuccio

CALMA, vou dar um JEITINHO!

Quem nunca ouviu aquele ditado: “Só não dá para dar jeito na morte”? Esse é o principal lema do famoso jeitinho brasileiro. O Brasil possui uma cultura autêntica, formada por uma miscigenação de portugueses, índios, africanos, imigrantes italianos, alemães, japoneses... Essa mistura de culturas tornou-se uma única. A essência do brasileiro é conhecida pela “ginga”, essa que é caracterizada pela malandragem do bon vivant. O jeitinho brasileiro é uma identidade construída socialmente, e define a prática criativa de resolver problemas do dia a dia.

Sérgio Buarque de Holanda diz que esse comportamento faz do povo um “homem cordial”. Mas o “cordial” nada tem a ver com a cordialidade propriamente dita — a gentileza e a polidez. Do latim, cordis, significa coração. Logo, o homem cordial é quem age com o coração, a emoção, ao invés da razão. O jeitinho lida com a improvisação diante de conflitos e a informalidade do agir.

Há sempre uma forma de “dar um jeitinho”. Um jeito de furar a fila, ou até mesmo ir a filas

preferenciais quando não se tem necessidade. Burlar as regras de trânsito, passando no farol vermelho. Esses são comportamentos os quais acostumamos e que (infelizmente) muitas vezes, lidamos com naturalidade diante da nossa sociedade. Mas como explicar o jeitinho brasileiro a um estrangeiro? É fato que esse caráter passional, o agir com o coração, é valorizado pelos estrangeiros que aqui visitam. Diferente da visão negativa que os próprios brasileiros tem de si mesmos, pelos estrangeiros que visitam o país são vistos como um povo afetivo, hospitaleiro e alegre.

Cada povo tem sua cultura, cada cultura, sua ética. Mas é com o nosso jeitinho que conquistamos os que de fora vêm visitar. Nossa capacidade de acolher, a curiosidade que temos pelas outras culturas, diferentes das nossas. Seja pela língua, comida ou música. No Brasil, há espaço para todas elas. Para ensinar e aprender também. E quem sabe assim, podemos descobrir o homem cordial, em seu verdadeiro sentido, em todos nós.

ALUNOS QUE PARTICIPARAM DESTA EDIÇÃO:

| | | | | | |
|---|--------------------------|--|----------------------|---|--------------------|
|  | Káthia Laurindo |  | Carolina Cristina |  | Mariana Franco |
|  | Giovana Félix |  | Julia Pinto | | |
|  | Pedro Paulino dos Santos |  | Ester Muniz |  | Isabella Liporoni |
|  | Marjorie Slivinski |  | Marcelo Surcin | | |
|  | Priscila Oliveira |  | Kaique Dalapola |  | Gabriel Plasa |
|  | Caroline Fernandes |  | Ana Carolina Osmak | | |
|  | Gigi Pananello |  | Jemima Barbosa |  | Ketheleen Oliveira |
|  | Jefferson Rodrigues |  | Lavinia Simonavicius | | |
|  | Larissa Darc |  | Sarah Furtado |  | Deise Dantas |
|  | Jennifer Silva |  | Ana Rodrigues | | |
|  | Wallace Leray |  | Tatiane Cordeiro |  | Daniela Romano |
|  | Karine Seimoha |  | Damaris Barros | | |
|  | Jayne Silva |  | Cleber de Oliveira |  | Thaynara Moretti |
|  | Vitalina Câmara |  | Paloma Sangzerla | | |

Nesta edição colaboraram também: Sarah Siqueira e Bruno Solano

APRENDER FAZENDO!

FACULDADES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, DESIGN E AUDIOVISUAL



GRADUAÇÃO
 Comunicação Social:
 Rádio e TV
 Editoração
 Jornalismo
 Relações Públicas
 Publicidade e Propaganda

GRADUAÇÃO
 Design

PÓS-GRADUAÇÃO
 MBA em New Branding Innovation
 MBA em Comunicação Corporativa
 MBA em Gestão de Marketing

TECNÓLOGO
 Produção Audiovisual

EXTENSÃO EAD
 Jornalismo Esportivo

PÓS-GRADUAÇÃO EAD
 MBA em New Branding Innovation
 MBA em Gestão de Marketing

www.facebook.com/comunicariobranco

UNIDADE LAPA - Av. José Maria de Faria, 111, São Paulo - SP



www.riobrancofac.edu.br

Veja no site itinerários de ônibus gratuito rio branco

CENTRAL DE ATENDIMENTO 0800165521

Jornal tem que ser

diário de S. Paulo



REDE BOM DIA

Campinas



Bauru



Jundiaí



Sorocaba



São José do Rio Preto



ABCD



Leitura rápida e descomplicada, formato ideal para portabilidade

Esportes
Cultura
Política
Automóveis

Economia
Turismo
Colunistas
Beleza